

# Nanotecnologia contra o sol

Bloqueador solar fator 100, desenvolvido pela Faculdade de Farmácia e pelo Instituto de Química da UFRGS em parceria com um laboratório nacional, chega ao mercado prometendo alta proteção a quem se expuser ao sol. O produto, patenteado pela Secretaria de Desenvolvimento Tecnológico (Sedetec), resultou de pesquisas envolvendo a nanotecnologia para fármacos. Nessa área de investigação, o país ocupa a 14.ª posição no ranking mundial, e os grupos da Universidade respondem por 30% da produção brasileira.

**P11**

## COMPORTAMENTO

### O sentido do sucesso

Enquete realizada pela reportagem do JU revela o que os estudantes da UFRGS consideram como sinônimo de sucesso. O levantamento mostrou que os jovens valorizam a capacidade de compatibilizar família, trabalho e lazer. Outros afirmaram que prestar um serviço à sociedade por meio do trabalho também é uma forma de alcançá-lo. Porém, especialistas alertam sobre o peso do fardo a ser carregado pela juventude atual, dividida entre o individualismo exacerbado e as exigências do capital e das empresas.

**P8e9**

## NOVAS GRADUAÇÕES

### Perfis tecnológicos



Dois novos cursos da Universidade, Biotecnologia e Tecnologia em Química Analítica, têm como missão formar pessoas aptas a preencher lacunas de mercado. A intenção da UFRGS é inovar, propondo novos perfis profissionais. Pelo menos é o que garante a coordenadora do Departamento de Cursos da Pró-reitoria de Graduação (Prograd), Denise Dornelles. Interdisciplinar, o enfoque da Biotecnologia será na aplicação de metodologias modernas, uma vez que essa graduação existe em outras instituições brasileiras. Já o curso de Tecnologia em Química Analítica, até agora, só era oferecido em países europeus.

**P7**

## SOCIEDADE

### Elites sustentam desigualdade

O Brasil apresenta índices altíssimos de concentração de renda. No entanto, as origens desse quadro lamentável raramente são tema de debate. O Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFRGS realizou o Seminário Latino-americano Riqueza e Desigualdade na América Latina para discutir a situação do nosso continente sob diferentes enfoques. No encontro foram abordadas as particularidades da sociedade brasileira que, mesmo pertencendo à região do mundo com o maior índice de desigualdade social, desenvolveu inúmeros mecanismos que legitimam e justificam a existência de poucas fortunas em meio a muitas favelas.

**P5**

## MÚSICA

### Talento de cantoras gaúchas da nova geração não é garantia de sucesso

Página 12

## ENEM

### Exame desconsidera experiência das universidades no vestibular

Página 4

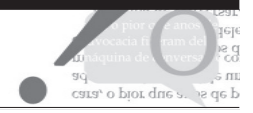
## LITERATURA

### Narrativas à moda antiga

É noite. Há um grupo em silêncio reunido ao redor de um contador de histórias. Homens, mulheres e crianças se maravilham com fábulas extraordinárias, se angustiam com mistérios insolúveis, tomam parte em aventuras perigosas. Chega a manhã, e eles continuam ali, ora escutando, ora narrando... Soa muito "Idade do Bronze"? Bom, nessa roda não há fogueira nem selvagens seminus. Trata-se da bastante contemporânea Maratona Literária, atividade lançada em 2009 pela Coordenação do Livro e Literatura da Secretaria Municipal da Cultura, que já reuniu mais de 3.400 participantes em função de um desafio: dar voz e ouvidos aos livros. É o que confirma Daniel Weller, coordenador do projeto. Ele acredita que a Maratona vai contra a tendência de um tempo de aceleração: "Se você se programa para ir ao cinema, por que não pode se programar para se reunir com pessoas legais e ler um livro?".

**P13**





## Espaço da Reitoria

Carlos Alexandre Netto  
Reitor

# Tempo e solenidade

O tempo é uma medida de mudança e movimento; percebemos o seu passar quando eventos acontecem em nossas vidas. E, terminados os eventos, seu ordenamento depende da memória.

Ao relembrar o recém-encerrado ano de 2009, vemos que foi um período muito positivo para a UFRGS. Avanços acadêmicos e institucionais importantes, melhoras nos processos de gestão, ambiente político – interno e externo – produtivo e o reconhecimento da sociedade. Ao comemorar seus 75 anos com intensa programação, a Universidade sensibilizou a comunidade. A solenidade de aniversário, com a homenagem a 75 servidores docentes e técnicos, indicados por seus pares, emocionou os presentes e reafirmou que a grandeza da UFRGS é construída, no dia a dia, por todos aqueles que dão o melhor de si para a Instituição. O Salão de Atos da reitoria transbordou

em outras atividades comemorativas, como a brilhante Aula Magna sobre Darwin e o esplêndido concerto da OSPA oferecido à Universidade.

Também houve atos solenes de reconhecimento da sociedade à contribuição da UFRGS para a construção de conhecimento e cidadania. A Universidade recebeu homenagens da Câmara de Vereadores de Porto Alegre, da Assembleia Legislativa do Estado e da Câmara dos Deputados, que pela primeira vez homenageou uma Universidade em sessão solene.

Rituais e solenidades marcam a história das pessoas e das instituições. Emprestam significado especial e delimitam períodos. Ao tornar solenes esses atos comemorativos, a UFRGS renova a sua missão e comemora, com alegria, as conquistas, os avanços e o reconhecimento alcançados. Ritualiza e agradece o trabalho

dedicado, tenaz e articulado dos que hoje fazem e dos que fizeram no passado a vida e a história da Instituição.

O tempo é assimétrico; o presente vira passado e o futuro passa a ser presente. O ano de 2010 se inicia promissor. Evidência disso é o Concurso Vestibular, um dos mais tradicionais e confiáveis processos seletivos do país, que transcorreu na plena normalidade e impactou a comunidade ao propor, como tema da redação, uma reflexão sobre as incivildades e infrações do cotidiano e a construção de uma sociedade mais justa.

Acreditamos que o ano que se inicia deverá ser de novas conquistas e avanços. Pela esperança que nos é inata, pelo cenário político-econômico, pela autoestima da comunidade universitária e, fundamentalmente, porque vamos continuar unidos na missão que é de todos nós: construir esta maravilhosa Instituição!

UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
Av. Paulo Gama, 110 - Bairro Farroupilha, Porto Alegre - RS | CEP 91046-900  
Fone: (51) 3308-7000 | www.ufrgs.br

Reitor  
Carlos Alexandre Netto  
Vice-reitor  
Rui Vicente Oppermann  
Chefe de Gabinete  
João Roberto Braga de Mello  
Secretário de Comunicação Social  
Flávio Porcello

JORNAL DA UNIVERSIDADE  
Publicação mensal da Secretaria de Comunicação Social da UFRGS  
Fones: (51) 3308-3368 / 3308-3497

Conselho Editorial  
Cassiano Kuchembecker Rosing, Cesar Zen Vasconcelos, Dalro José Nunes, Edson Luiz Lindner, Fernando Cotanda, Flávio Porcello, Maria Heloisa Lenz, Maria Henriqueta Luce Kruse, Ricardo Schneiders e Rudimar Baldissera

Editora-chefe  
Ania Chala  
Repórteres  
Caroline da Silva e Jacira Cabral da Silveira  
Projeto gráfico  
Juliano Bruni Pereira e Aluisio Pinheiro  
Diagramação  
Aluisio Pinheiro  
Fotografia  
Cadinho Andrade e Flávio Dutra  
Revisão  
Antônio Falcetta  
Bolsistas  
Ariel Fagundes, Demétrio Pereira, Jaqueline Crestani e Maria Elisa Lisboa  
Circulação  
Márcia Fumagalli  
Fotótipos e impressão  
Gráfica da UFRGS  
Tiragem 12 mil exemplares

## Mural do leitor

jornal@ufrgs.br

### Encarte 75 anos

Parabéns pela excelente edição do Jornal da Universidade do mês de novembro. A reportagem do Resgate da Memória da Universidade poderá retomar o diálogo sobre as bases reais da liberdade. Ampliar o conhecimento do caminho percorrido, com seus erros e sucessos, é fundamental na busca da autonomia universitária, sem confundir-la com privilégios e poder, próprios de tendências estatizantes.

Eny Toschi, Professora Titular de Psicologia da Educação da Faced

### Vínculo renovado

Quero parabenizá-los pela edição n.º 123. Suas fotos coloridas lhe deram uma aparência toda especial, não esquecendo de destacar o seu conteúdo, por demais interessante. Quero confessar que, como ex-funcionário (hoje aposentado), tenho nesse prestigioso Jornal a chama inextinguível que me mantém ligado a essa Universidade, onde passei os melhores anos de minha vida. A cada edição que me chega, um turbilhão de boas lembranças afloram em minha memória. Amigos, dá saudades daquela convivência diária e até dos desafios enfrentados.

Henrique Ervis Filho, funcionário aposentado

### Ensino de espanhol

Sugiro uma reportagem sobre a Lei Federal n.º 11.161/2005, que instituiu a obrigatoriedade de aulas de língua espanhola no ensino médio e entra em vigor neste ano. A rede pública gaúcha está preparada? E quanto à Universidade: como está a formação de professores nessa área?

Sandra L. Luzardo, professora estadual aposentada

## Memória da UFRGS

ACERVO MUSEU DA UFRGS



1945

Formandos da Faculdade de Filosofia na escadaria do saguão da Faculdade de Direito. A foto fez parte do acervo da exposição "50 Anos da Filosofia", realizada em 1993.

## Artigo

# A face da fome no mundo

Cansamos de ouvir sobre o problema da fome no mundo. Muitas vezes soa em nossos ouvidos como um discurso dezenas de vezes repetido, sem fazer eco e sem nos levar às lágrimas. A Cúpula Mundial sobre Segurança Alimentar das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO) reuniu-se no mês de novembro, em Roma, Itália, a fim de discutir o problema. Os números são alarmantes: segundo relatório da ONU, cerca de 1 bilhão de pessoas sofrem com a falta de alimentos e, de cada 10 pessoas, 6,7 não consomem os nutrientes que deveriam para sobreviver. Aproximadamente 1.400 crianças morrem por ano por problemas decorrentes da fome.

Contudo, mesmo que os índices saltem aos olhos, poucas vezes eles nos fazem levantar de nossa posição de meros assistentes. São números. Assim como os mortos na guerra do Afeganistão, na invasão do Iraque, nos conflitos no Oriente Médio ou, para usar um exemplo bem brasileiro, as vítimas da guerra do tráfico nas nossas favelas e vilas. A história

muda quando transformamos esses números em pessoas, com sentimentos, desejos, anseios, dores e angústias.

O documentário Garapa, de José Padilha, faz-nos olhar a fome com outros olhos. Ela deixa de ser número para se tornar gente, sujeito que tem comida, mas a tem numa quantidade tão limitada que vai morrendo aos poucos, ou sobrevivendo como dá, como consegue, como se adapta. Logo no início da película em preto e branco, o diretor explica: "Há dois modos de morrer de fome: não comer nada e morrer logo, ou ir comendo sempre o insuficiente e ir morrendo aos poucos". O cineasta explora a segunda situação, talvez a mais dolorosa, do sofrimento contínuo, da abstinência do mínimo necessário à sobrevivência.

Se viver é uma eterna capacidade de se adaptar, podemos dizer que os personagens de Garapa (em nada fictícios, diga-se de passagem) entenderam o que isso significa. Na ausência do leite, usa-se a garapa – mistura de água com açúcar quente. Se não

há como se fazer as três refeições diárias, janta-se e não se almoça, ou vice-versa. As restrições impostas a essas pessoas não se limitam apenas a deixar de trocar o carro ao final do ano ou não jantar em determinado restaurante. São limitações pelas quais a maioria de nós jamais passou, pois, separados por uma espécie de abismo dessa realidade, as nossas necessidades são emocionais, sentimentais, familiares, não elementares, não constitutivas.

Rodado no Ceará, o filme não se limita à realidade desse local, pois tem como proposta mostrar um fenômeno que não é somente brasileiro, mas mundial. Como conviver diariamente com a restrição de alimentos? Como enganar o corpo quando este pede comida?

Se a tristeza enche nosso âmago quando nos deparamos com o cotidiano de famílias que vivem em estado de extrema necessidade, para eles já não é uma situação inusitada, é a vida, como ela lhes foi desenhada, pintada e esculpida, como uma

estátua inquebrável, fria, gelada.

Segundo alguns dados, um montante de US\$ 30 bilhões investidos por ano acabaria com o problema da fome no mundo. Se isso parece muito para alguns, é interessante compararmos com o gasto anual com armamentos: US\$ 1,5 trilhão. Os cerca de 60 países que se reuniram na capital italiana e rejeitaram a destinação de 44 bilhões de dólares para a erradicação da fome do mundo até 2025 deveriam assistir Garapa. É fácil votar "não" para números, virar as costas para dados e dar de ombros diante das estatísticas. Ver a face da fome, de carne e osso, com mais osso do que carne, nos faz senti-la muito próxima. Isso significa tomá-la como nossa, não simplesmente buscando suas causas históricas, como se o sofrimento de milhares precisasse somente ser justificado para ser aliviado. É nosso problema, é nossa vergonha!

Débora Regina Vogt  
Mestranda em História pela UFRGS



## Bixos 2010

# Atenção na matrícula



ARQUIVO JU/MARÇO 2008/FLAVIO DUTRA

O início das aulas na UFRGS está marcado para o dia 8 de março com atividades de recepção aos calouros

A Pró-reitoria de Graduação (Prograd) da Universidade está divulgando o calendário acadêmico deste ano pelo endereço [www.prograd.ufrgs.br/calendario2010.pdf](http://www.prograd.ufrgs.br/calendario2010.pdf). Aos novos alunos, solicita-se atenção quanto aos prazos de matrícula. Afinal, quem conquistou uma vaga na melhor instituição pública de ensino superior do estado, segundo o Índice Geral de Cursos (IGC) do Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais do MEC, não pode dar bofeira no início de sua vida como estudante universitário.

No dia 12 de fevereiro, serão divulgados os horários e os locais de matrícula presencial para os calouros com ingresso no primeiro período letivo. Essas informações serão disponibilizadas em um link na página principal

do site da UFRGS ([www.ufrgs.br](http://www.ufrgs.br)).

Entre os dias 22 e 23 de fevereiro, os diversos cursos estarão mobilizados para realizarem a matrícula presencial de seus novos alunos, com o recebimento da documentação dos estudantes nas Unidades. É fundamental estar com todos os documentos solicitados no Manual do Candidato em dia, pois não haverá prorrogação de prazo. A matrícula deverá ser feita pelo próprio aluno ou por seu representante legal, munido de uma procuração e dos documentos de identidade de ambos.

Haverá uma segunda chamada dos classificados no Vestibular em 27 de fevereiro, com divulgação na imprensa e no site da Universidade. Os candidatos chamados nessa data deverão fazer sua matrícula presencial no

dia 2 de março, entregando a documentação necessária nas Unidades que sediam seus cursos.

Um último chamamento dos classificados no Vestibular está previsto para o dia 6 de março. Conforme a portaria da Prograd, após essa data, caso haja vagas não ocupadas, os chamamentos serão às quartas-feiras e sábados, e a matrícula às terças e sextas-feiras imediatamente subsequentes. Os chamamentos e matrículas correspondentes serão divulgados pelo site [www.prograd.ufrgs.br](http://www.prograd.ufrgs.br).

As aulas do primeiro semestre na UFRGS iniciam em 8 de março com atividades de recepção aos bixos, conforme programação de cada Unidade.

Aos novos estudantes, as boas vindas!

### Institucional

#### Cooperação com Universidade de Comunicação da China

Uma comitiva da Universidade de Comunicação da China, chefiada pelo seu reitor, Su Zhiwu, visitou a UFRGS em 11 de janeiro para assinatura de protocolo de cooperação nas áreas de ensino, pesquisa e atividades acadêmicas. A UFRGS mantém um programa de intercâmbio com a UCC na área de Letras, pelo qual mais de 40 de alunos chineses vieram ao Brasil estudar Português para Estrangeiros. Com o convênio ampliado, agora o intercâmbio incluirá alunos de Comunicação Social e Informática. Os diretores do Instituto de Letras, Jane Tutikian, da Faculdade de

Biblioteconomia e Comunicação, Ricardo Schneiders, e o secretário de Ensino a Distância, Sérgio Franco, relataram à comitiva as áreas de ensino e disciplinas que poderão ser oferecidas aos alunos chineses. O convênio também prevê a oferta de disciplinas da UCC para alunos da UFRGS. O reitor Carlos Alexandre Netto foi convidado a conhecer a UCC e confirmou que ainda este ano retribuirá a visita. A ampliação do intercâmbio com a Universidade de Comunicação da China faz parte das ações da Secretaria de Relações Internacionais (Relinter).

### Carreira

#### Da UFRGS para o mundo

Ao longo de todo o curso de Engenharia Mecânica, ele só teve uma única nota B. Estudante aplicado, Felipe Marquard Walther ingressou na UFRGS em 2003, e a colação de grau de sua turma está marcada para o próximo dia 19 de fevereiro. Ele, porém, não pode esperar: formou-se em gabinete no mês passado, sem a comemoração que sua trajetória acadêmica mereceria. A razão de tanta pressa é motivo de orgulho para sua família, pois Felipe já tem emprego garantido numa grande multinacional da área da aviação. Ele fez parte do programa de dupla diplomação mantido desde 2001 pela Escola de Engenharia da Universidade junto a uma rede de escolas francesas.

O programa de mobilidade estudantil, coordenado pelo professor João Manoel Gomes da Silva Jr., já enviou quase uma centena de estudantes àquele país e, em junho deste ano, deve bater um recorde: 15 alunos foram selecionados para frequentar algumas das melhores escolas francesas na área da formação de engenheiros.

Felipe foi enviado à França em julho de

2005, com outros nove alunos de diferentes cursos da Engenharia. "Estudei na École Centrale Marseille, situada na histórica cidade do sul da França. O forte do curso é a parte de matemática, pois os franceses se preocupam em demonstrar a base das teorias. Também tive muitas aulas em laboratório", conta o jovem engenheiro de 24 anos. Ao final de dois anos de estudos, ele candidatou-se a uma vaga para estágio na Inglaterra na fábrica de motores de aviões da Rolls-Royce. Selecionado, deverá participar de um programa de trainees com duração de 18 meses, no qual irá experimentar diferentes áreas da multinacional. Ao final desse período, será alocado em uma das divisões da empresa. "A Rolls-Royce oferece oportunidades no mundo todo, mas tenho grande interesse pela área técnica de desenvolvimento de projetos de motores para a aviação", comemora.

Aos alunos das engenharias, vai a dica: é preciso ter um excelente rendimento, e investir no estudo da língua francesa.

### Bolsas

#### CNPq apoia sistema de pós-graduação em áreas estratégicas

O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) lançou edital para conceder bolsas de mestrado e doutorado diretamente a orientadores dos programas de pós-graduação. Ao todo serão R\$ 57,2 milhões do Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FNDCT), divididos em duas chamadas. Para concorrer à primeira chamada, os orientadores têm até 8 de fevereiro para enviar suas propostas. As inscrições à segunda chamada poderão ser feitas até 17 de maio. O edital receberá projetos em Ciências Exatas e da Terra, Engenharias, Ciências Agrárias, Ciências da Saúde e Ciências Interdisciplinares. Informações no site [www.cnpq.br/editais/ct/2009/070.htm](http://www.cnpq.br/editais/ct/2009/070.htm).

### Ambiente

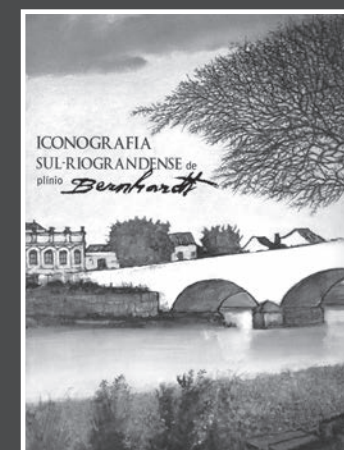
#### Coordenadoria orienta sobre descarte de pilhas e baterias

Pilhas e baterias de telefones celulares e eletroeletrônicos representam grande risco ao ambiente se destinadas ao lixo comum, pois contêm elementos tóxicos como mercúrio e chumbo. Ciente dessa realidade, a Coordenadoria de Gestão Ambiental da UFRGS, em parceria com o Banco Real, disponibiliza coletores para esses materiais em diversos locais dos Câmpus da Universidade, os papa-pilhas. Os pontos de coleta são: Escola Técnica, Escola de Administração, Faculdade de Agronomia, Fábico, Faculdade de Farmácia, Faculdade de Odontologia, Faculdade de Veterinária, ICBS, IPH, Instituto de Artes, Prefeitura do Câmpus Vale, Anexo I da reitoria, RU 2 (Câmpus Saúde) e RU 3 (Câmpus do Vale).

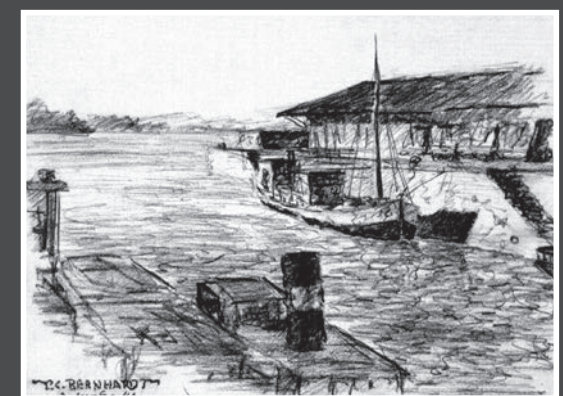
### Memória

#### O Rio Grande por Plínio Bernhardt

Para os apreciadores de arte, o livro *Iconografia Sul-riograndense de Plínio Bernhardt* (Porto Alegre: Brejo, 2009, 72 p.) traz uma grata surpresa. Organizada por Vinício Giacomelli e lançada no final de 2009 pelo Centro Cultural CEEE Erico Verissimo, a obra homenageia o gaúcho de Cachoeira do Sul que dedicou sua vida a divulgar o Rio Grande mundo afora. Pintor, gravador, desenhista e professor, ele influenciou gerações com um trabalho diversificado e criativo. Plínio formou-se pelo Instituto de Belas Artes da UFRGS em 1948, tendo sido aluno de João Fahrion e Ângelo Guido. Seu gosto pelas artes e pela arquitetura levou-o a realizar viagens de estudos artísticos a São Miguel das Missões, a Bahia e Minas Gerais, que resultaram em importantes trabalhos. O artista também atuou na área cultural do estado, dirigindo e coordenando o setor de mostras do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli (MARGS). Ao lado de Carlos Mancuso, Danúbio Gonçalves e Léo Dexheimer, participou da realização das pinturas do teto do Theatro São Pedro em 1981. Nas palavras do historiador Sérgio da Costa Franco: "Plínio foi tanto atraído pela temática das velhas igrejas e do casario urbano como pelo encanto das paisagens rurais e de seu mítico habitante [o gaúcho]. Ele é um bom exemplo de artista plástico integrado ao meio social que usou de uma linguagem acessível aos seus concidadãos e que transmitiu às telas, sem apelo a abstrações, todo o seu afeto à terra que o viu nascer e à sociedade em que conviveu".



O livro registra 60 anos de intensa produção, com obras que têm como referencial simbólico a paisagem e as pessoas do Rio Grande do Sul



Cais do porto de Porto Alegre, desenho em contê preto, 16,5 x 22 cm, 1946



Cais do porto de Porto Alegre, desenho em contê preto, 16,5 x 22 cm, 1946



Gaúchos, linoleogravura, 33 x 47,5 cm, assinada, 1953



# Cinco acusações contra o ENEM

Luís Augusto Fischer\*

Há um paradoxo vital para o leitor considerar, ao ler o texto que aqui começa: embora seja praticamente a única forma de entrada de alunos nas graduações, o exame vestibular não é um tema relevante dentro da Universidade. Posso referir uma experiência pessoal no caso: tendo trabalhado por mais de 20 anos no nosso concurso vestibular, nas provas de Redação, Literatura e Português, senti na pele essa estranha negligência. Uns anos atrás, por exemplo, quando cada professor ainda preenchia semestralmente uma folha para dar conta de suas atividades docentes nos vários campos de atuação possíveis, simplesmente não havia como consignar o exaustivo e complexo trabalho com a elaboração e a aplicação das provas, salvo em miudíssimas linhas finais em que se anotavam suplementos irrelevantes, que não contavam para nada, muito menos para a progressão funcional. Trabalho de imensa responsabilidade social e científica, o vestibular entre nós (e o comentário pode ser estendido talvez a todas as grandes universidades brasileiras) nunca foi centro de devidas atenções.

É compreensível que professores e pesquisadores superespecializados despendam pouca energia na consideração do problema; mas não é compreensível que o poder central universitário - não me refiro a nenhuma gestão em particular, mas à estrutura - negligencie esse episódio anual que não apenas seleciona os alunos para a graduação, mas que, mais ainda, influi nos destinos de todo o ensino secundário.

As regras de elaboração das provas são restritas; o universo conceitual e empírico a levar em conta, nas várias disciplinas, é virtualmente infinito; é exigido um sigilo que por sua vez é também um elemento ultrarrestritivo em vários níveis; não se desenvolveu a contento, creio que em nenhuma das áreas de conhecimento, um volume de pesquisa acadêmica capaz de realimentar e sofisticar o processo todo, por falta de política de incentivo orientada pelas instâncias superiores da nossa Universidade; o impacto social é imenso, incalculável, para dentro e para fora do ambiente universitário.

Mas não estou aqui apenas para lamentar; o caso é que, com todas as restrições que se possa

imaginar, a Universidade brasileira, a UFRGS em particular, conseguiu manter um padrão elevado de provas no vestibular. De forma geral, as melhores universidades do país, entre as quais a nossa, acumularam uma excelente experiência na elaboração e na aplicação dos exames.

Pois bem: havendo esse patrimônio de altíssima valia, já há algumas décadas, seria de esperar que o Ministério de Educação, quando resolveu avaliar o sistema educacional brasileiro, particularmente o Ensino Médio, o tivesse levado em conta; que o MEC procurasse não apenas prestigiar as universidades que a ele estão subordinadas, o que já seria decente, mas que tentasse não cometer erros já cometidos.

Mas o que se viu foi bem outra coisa. Começando nos governos FHC e prosseguindo nos governos Lula, instalou-se um Exame Nacional que, no que interessa a este debate aqui, transformou-se não em solução, mas em problema e mesmo em vexame para o sistema educacional como um todo. O atual Exame Nacional do Ensino Médio, ENEM, tem a vocação política de tornar-se o principal (quando não o único) exame vestibular, para o grosso do ensino superior brasileiro; e tendo esse larguíssimo horizonte ele precisa ser pensado e,

no que me diz respeito, seriamente arguido, como tento fazer nos tópicos que seguem. (Uma versão anterior deste texto, menos desenvolvida, foi publicada na Folha de São Paulo.)

1. Confusão entre avaliação e seleção - Criado com a saudável finalidade de avaliar os estudantes e as escolas brasileiras, o ENEM agora passou, sem muita cautela, a ser um instrumento de seleção para ingresso na Universidade. São, deveriam ser, duas atividades muito distintas, que o Brasil lamentavelmente tem misturado desde o começo dos anos 70, quando houve um forte aumento do número de formados no ensino médio demandando as escassas vagas superiores, num processo que constrangeu as universidades a barrar candidatos em massa. Resultou que o vestibular, exame de seleção para ingresso, gerou um rebote e se transformou em critério informal mas efetivo de organização curricular e de avaliação das escolas e dos alunos, num curto-circuito perverso, agora reiterado pelo MEC. Em poucas palavras: o que cair no vestibular vai ser dado na escola, e o que é pior, mesmo naquelas cujos alunos não disputam diretamente as vagas das universidades mais exigentes.

Vale um parêntese: o MEC tem dito que, por seu caráter supostamente inovador - as novas provas teriam como centro não mais a

decoreba (coisa que o Ministério pode não saber, mas há muito tempo não são mais o centro de nenhum vestibular de universidade importante) mas sim o raciocínio -, estaria por decretar o fim da era dos cursinhos. Trata-se de uma tolice: enquanto continuar havendo vestibular eliminatório, vai continuar existindo cursinho preparatório.

2. Reforço à supercentralização - Na pior tradição ultracentralista do Estado brasileiro, agora o MEC inventa um exame nacional concentradíssimo. O imbróglio do ENEM pouco tempo atrás foi fruto de maldade e inexperiência, mas mais ainda dessa supercentralização. Além disso, aplicado no país todo, suprimiu temas que chama de "regionais", o que envolve de revoltas sociais e marcos geográficos a escritores e livros. Segundo qual critério se define o "nacional" ou o "regional", não está claro, mas eu arrisco dizer: será o critério da atual hegemonia cultural, que é paulistocêntrica. Isso sem contar ainda outro aspecto, virtualmente criminoso: ao instituir um ranking nacional de vagas nas universidades, de que os candidatos teriam conhecimento on-line e em função do qual poderiam mudar sua opção até a undécima hora, o MEC estará na prática criando em escala nacional a mesma elitização social dos vestibulares atuais. Os melhores candidatos, que são do Sudeste e do Sul, vão disputar as vagas em todo o território, e não será nada estranho que, por exemplo, as vagas de Medicina, Brasil a fora, sejam quase todas ocupadas por candidatos dessas duas regiões mais ricas. E é claro que, como disse um reitor de Universidade Federal do Centro-Oeste, tais alunos cumprirão a graduação na província, mas não permanecerão trabalhando ali, porque vão tentar a sorte nos centros já consolidados de trabalho e de pós-graduação.

3. Desrespeito pela experiência das Universidades - Que o MEC quisesse inventar um exame nacional com papel de seleção, seria até respeitável, desde que, pelo menos, fosse levada em conta a vasta experiência acumulada nas melhores universidades brasileiras, como dissemos acima. Nem falemos do processo de atribuição de notas para a redação, que é de chorar de tão precário: a "correção" das redações vai ser feita sem a necessária unidade de operação, cada avaliador em sua casa, recebendo uma prova escaneada em Brasília; já pelo seu isolamento, vai ser difícil que possa sanar dúvidas, sempre existentes, e mais ainda possa trabalhar em sintonia fina com o conjunto dos outros avaliadores. Aqui temos outro desagradável

desrespeito para com uma larga e competente tradição de todas as boas universidades brasileiras.

4. Autoritarismo - O MEC induziu as universidades a aceitarem o ENEM como vestibular, com uma pequena margem de manobra (margem que foi aproveitada, não por acaso, pelas mais competentes universidades, entre elas a UFRGS, ainda bem, que enquanto não forem constrangidas economicamente vão resistir a ele, espero). O prazo desse processo, considerando a correta e necessária lentidão que uma universidade precisa manter em questões dessa magnitude, foi estreitíssimo. E a mudança foi divulgada, como se viu em Porto Alegre, com ares de verdade revelada: quadros do Ministério vieram à boca da cena com aquele sorriso desdenhoso de quem tem pouca leitura e muito poder, para regozijar-se com a suposta modernização que anunciavam. Durante a ditadura, também se viu isso: a toque de caixa, sem debate público e embalado por um discurso modernizador, o governo federal impôs aquela mixórdia legal que alterou para pior o ensino fundamental e o médio. Um paralelo assustador: naquela época, o MEC quis abolir o ensino de Português e Literatura, obrigando à medonha "Comunicação e Expressão"; agora, nomeia a prova que trata dos mesmos conteúdos com outro horror, "Linguagens, Códigos e suas Tecnologias". Autoritarismo pouco culto de quem presume estar reinventando o mundo, aliado à redação inepta, em mais um assalto na luta da pedagogia inespecífica contra os "conteúdos" que ela tanto despreza - e aí de quem tenha estudado e valorize algum deles.

5. Desprezo pela História da Literatura - O modo de elaborar a prova, na tal área de Linguagens, Códigos e, argh, suas Tecnologias, jogou no lixo a grande tradição de ensino de história da literatura. Há defeitos nela? Por certo que sim, e está aqui um dos tantos críticos dos modelos atuais; mas provavelmente serão proporcionais aos de qualquer outra área. O certo é que o ENEM trata o texto literário como apenas um texto entre outros: um poema de Drummond no mesmo patamar que um anúncio de remédio e um cartaz contra o cigarro, sem qualquer contexto. As aulas de História da Literatura costumam ser a melhor (quando não a única) porta de entrada oferecida pela escola ao mundo da cultura letrada; abolida do programa do ENEM a demanda por essa dimensão, e na assustadora hipótese de o exame vir a ser o vestibular universal para o terceiro grau no país, o que ocorrerá? A morte por asfixia da história da literatura parece quase inevitável, e com ela a citada porta de entrada. Isso num governo de esquerda, que costuma alegar gosto pela história.

Professor de Literatura Brasileira na UFRGS



**Sociologia**

**Poucos percebem o quanto a relação entre ricos e pobres é de causa e efeito**

É triste, mas qualquer cidade brasileira ilustra a disparidade social característica do nosso continente. Apesar do evidente abismo entre as classes, pouco se questiona sobre a origem dessa realidade, usualmente atribuída apenas à herança histórica do Brasil. Mas enquanto a responsabilidade se restringe aos ombros do passado, nossas elites mantêm, discretamente, uma estrutura de poder secular.

A partir da tese de que a concentração de renda é uma grave causa da situação mundial, especialmente no caso brasileiro, foi realizado em novembro o Seminário Latino-americano Riqueza e Desigualdade na América Latina. A atividade, organizada pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia (PPGS) da UFRGS, integrou a programação da 55.ª Feira do Livro de Porto Alegre.

**Injusta miséria** – Antonio Cattani, professor do PPGS, foi o principal organizador do evento. De acordo com ele, a América Latina tem o pior quadro de desigualdade social do mundo. “Muito além do que a África apresenta. Lá os países são mais pobres como um todo, mas as diferenças não são tão acentuadas quanto aqui. Nosso continente é o mais desigual porque a concentração de renda é maior. Todos os índices da ONU e de várias organizações internacionais confirmam isso”, afirma.

Diferentemente do território africano, o Brasil possui inúmeros recursos naturais, cuja renda nunca foi distribuída. “Todos os ciclos econômicos brasileiros (pau-brasil, cana-de-açúcar, borracha, café, etc.) geraram muita riqueza e poderiam ter beneficiado o conjunto da população. Mas apenas reforçaram as desigualdades existentes e as consolidaram ao longo dos séculos”, avalia o professor do PPGS. Para Ricardo de Oliveira, sociólogo e professor da UFPR, o Brasil já nasceu desigual. “O momento fundador da classe dominante tradicional foi a distribuição das sesmarias, quando as bases iniciais da estrutura agrária se formaram. A posse da terra e as extensas propriedades rurais representam as primeiras grandes genealogias do poder no Brasil”, garante.

Esse modelo de apropriação das riquezas pelos já ricos, segundo Antonio Cattani, mantém-se intacto. “Hoje, há o ciclo da soja, que acompanha a lógica de todos os outros: geração fantástica de renda, depreciação dos recursos naturais e pouquíssimos benefícios, que são, principalmente, os grandes proprietários e exportadores. O mesmo acontece com o eucalipto. Apresentado como a salvação da metade sul do nosso estado, acredito que ele será responsável por um desastre ecológico, não criando muitos empregos e beneficiando poucas pessoas ligadas à exportação e à produção de celulose.”

A concentração de poder e riqueza observada em nosso país, para Cattani, é absolutamente nefasta. “Há um quadro que expõe o ciclo concentrador: de 1970 a 2006, 1 a 10% da população controlou cerca de 50% da riqueza nacional. Ou seja, de forma estável, em 36 anos não mudou quase nada. Passando por Regime Militar, Nova República, etc., só agora está havendo uma pequena melhora”, aponta.

**A pobreza não é apenas um resquício histórico que se resolve com políticas públicas**

Fernando Ferrari Filho, professor do Departamento de Economia da UFRGS, vê o presente com mais otimismo. Para ele, houve melhorias em relação à distribuição de renda nos últimos anos que não podem ser ignoradas. “O índice de Gini (que mede a desigualdade) melhorou, se reduziu o grau de miséria absoluta, houve uma evolução significativa, em termos reais, do salário mínimo e se incluíram agentes até então marginalizados. Eu não seria cético a esse ponto; diria que houve melhoras, mas tímidas.”

**O capital governa** – A aliança e a codependência entre os agentes políticos e os econômicos explicam nossa dura realidade. Para Ricardo de Oliveira, o poder financeiro estrutura relações privilegiadas entre o Estado e o capital. “Amplas redes políticas de interesses entre empresários e políticos garantem vantagens e relações privilegiadas para a reprodução das grandes fortunas. Ninguém pode ser grande empresário sem estar muito bem amparado nos cargos e nas políticas do Estado”, afirma.

Um modo de reverter esse ciclo de concentração, segundo Ferrari, seria adotar medidas que influíssem nas rendas e ganhos dos mais abastados. “É necessário mais do que crescimento e estabilidade da economia. Políticas macroeconômicas [fiscal, cambial e monetária] ativas são fundamentais. Por exemplo, em termos de política fiscal, deveria haver alíquotas de imposto de renda maiores para quem ganha muito, deveria se tributar as grandes fortunas e o capital especulativo, bem como teria de haver mais programas de cunho social e investimentos públicos. Os recursos resultantes dessas taxações deveriam ser revertidos em políticas públicas e sociais”, pondera.

Antonio Cattani, porém, considera mais grave o contexto: “A pobreza continua sendo produzida atualmente. Ela não é apenas um resquício histórico que será saldado com políticas públicas dirigidas aos pobres. Ações voltadas às populações mais vulneráveis são necessárias, pois podem tirar milhares de pessoas que estão abaixo da linha de pobreza. Mas sai uma e o sistema põe dez de volta. O modelo econômico produz mais pobreza do que as políticas públicas conseguem retirar”.

O professor Oliveira entende que há uma relação entre os ricos e poderosos e a produção de desigualdades e pobreza no Brasil. Assim, as carências de muitos refletem os luxos de poucos. Ele acredita que “a tributação de grandes fortunas, a distribuição de renda e os mecanismos de democratização das decisões, para serem efetivos, precisariam conhecer as formas de riqueza e de poder em uma sociedade”.

Porém, raros governantes sugerem restrições às elites. “É difícil propor uma agenda cujo objetivo seja a distribuição de renda por meio de medidas macroeconômicas, usando mais do que a lógica de crescimento da economia. Nas eleições, a maioria das alianças é feita com representantes do capital em detrimento das bases populares. E os beneficiados com o modelo atual não endossam propostas para uma agenda econômica alternativa”, assinala Fernando Ferrari.

Não por acaso, os ricos seguem atuando fortemente no cenário político. De acordo com Cattani, “dos cerca de 500 deputados federais que o Brasil tem, mais de 70 estão ligados ao setor financeiro. Soma-se a eles a bancada dos grandes ruralistas, das escolas particulares, etc. No final, de 60 a 70% do nosso Congresso está diretamente ligado às engrenagens desse macropoder”, alerta o pesquisador.



# Desigualdade legitimada

**Eternos sinhozinhos**

Ricardo Oliveira desenvolve na UFPR uma pesquisa sobre a genealogia do poder. Para ele, a monopolização do aparelho estatal pelas elites é o principal responsável pela inércia social brasileira. “As famílias tradicionais da classe dominante se organizam no Estado desde as Câmaras das vilas coloniais até os modernos cargos no Executivo, Legislativo e Judiciário”, atesta.

E isso pouco se altera. “Uma análise dos poderosos expõe a conexão de grandes redes de interesses entre os poderes e os ricos. Antes de 1950, os deputados, senadores, governadores, ministros e desembargadores eram quase todos do mesmo segmento social, com raízes nas primeiras estruturas políticas brasileiras. As principais genealogias tradicionais revelam a extensa listagem dos cargos ocupados por essas antigas elites, de modo que a relação com o Estado é decisiva”, diz o pesquisador.

**O dinheiro sempre tem razão**

Há dificuldade de se entenderem os mecanismos sociais que, ao mesmo tempo, aumentam a concentração de renda e a pobreza em nosso país. Por um lado, todos querem uma vida opulenta. Por outro, os ricos mantêm seu domínio em sigilo. Em função disso, Antonio Cattani, professor do Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFRGS, afirma que a riqueza é sacralizada como totem e tabu. Nem estudos oficiais conseguem analisá-la devidamente. “A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio, por exemplo, não capta os mais ricos por uma questão matemática. Para se definir a amostra, se faz um cálculo pelos grandes números. Como os ricos são uma minoria ínfima, dificilmente se encontrará alguém representativo daquele universo. Mas, mesmo que se encontre, ele não vai revelar os dados. Técnicos do IBGE relatam que os ricos se recusam a responder pesquisas por medo de sequestro ou da Receita Federal. Isso cria um problema para as Ciências Sociais, que trabalham com aproximações e indícios muito indiretos”, aponta o pesquisador.

A sacralização da riqueza é um processo discreto, mas profundo. “Legitimidade não se conquista pela força; é um jogo sutil de convencimento e comunhão com

princípios do senso comum. Isso se dá de forma tão complexa e eficiente que construções sociais se tornam ‘naturais’. Quem é rico é tido como mais talentoso, mais esforçado, mais competente ou, simplesmente, com mais sorte. Já do pobre se diz que não quer trabalhar ou não se esforçou o suficiente”, critica Cattani.

Para ele, essa legitimidade pode ser contestada. Apesar de existirem fortunas vindas do trabalho honesto, há um sistema que garante isenções dentro de um quadro aparentemente legal. O professor paranaense Ricardo de Oliveira concorda: “Grandes ou pequenas redes de nepotismo garantem financiamentos, fontes e informações estratégicas para a reprodução dos empresários e dos ricos”. Na opinião de Cattani, a desproporção de recursos faz com que a riqueza seja respaldada e seus problemas, escondidos. “Exemplo disso é a campanha que as papelarias fizeram a favor do plantio de eucalipto no RS. Alguns milhões foram gastos em anúncios diários e no financiamento de campanha de políticos, como a nossa governadora”, afirma.

Ariel Fagundes, estudante do 5.º semestre de Jornalismo da Fabico



# Cientistas por uma semana

## Metodologia

### Curso de férias mostra um jeito diferente de ensinar-aprender Ciência a professores e alunos da Educação Básica

Jacira Cabral da Silveira

Você está em frente a uma turma de 30 adolescentes, numa sala fechada, e enquanto lá fora o dia é de sol, o tema da aula é: as células.

– Tudo de bom! – ironizam os alunos sob os bonés.

Suas mãos suam, a garganta seca. Como fazer para que esses jovens se interessem? Bem-vindo ao inevitável frio na barriga que espera todos os que escolheram os cursos de licenciatura.

Ciente desse desafio, um grupo de estudantes do Programa de Pós-graduação em Genética e Biologia Molecular (PPGBM) da UFRGS, responsável pelo Curso de Férias, cuja 4.ª edição ocorre de 18 a 29 deste mês, resolveu a questão passando a bola aos estudantes, deixando a eles o desafio de pensar e fazer perguntas em lugar de uma tediosa aula expositiva.

O objetivo do curso, destinado a professores e estudantes da Educação Básica de escolas públicas, é o de aliar o processo de investigação próprio da ciência à atividade de ensino-aprendizagem. Para isso, os pós-graduandos buscaram uma metodologia que prioriza a capacidade de reflexão, contrária à postura pedagógica tradicional, que considera o aluno como o repositório de um saber acumulado na sociedade e prescrito nos currículos escolares.

Divididos em turmas diferentes, os estudantes realizam o curso na primeira semana, e os professores, na segunda. As aulas são desenvolvidas no Centro de Biotecnologia, no Câmpus do Vale.

A divulgação é realizada por intermédio de folhetos e da visita dos estudantes-organizadores às escolas, preferencialmente aquelas situadas nas redondezas, para facilitar o deslocamento. Sem custo para os participantes, as inscrições foram feitas via Internet pelo endereço [www.ufrgs.br/curso-deferias](http://www.ufrgs.br/curso-deferias).

Depois da palestra de abertura e da exposição de como se dará o curso, a dinâmica até o final é formular perguntas e buscar respondê-las com o auxílio dos equipamentos existentes no laboratório ou improvisados conforme a proposta. No último dia do curso, os participantes montam uma peça teatral com base naquilo que aprenderam.

Ainda que a metodologia seja a mesma para ambos os grupos, os

professores vivenciam as atividades tanto na condição de alunos quanto de formadores. Muitas vezes, os docentes se surpreendem com a simplicidade e a eficiência dos experimentos. Segundo eles, seu modo de ensinar reproduz a forma como aprenderam nas licenciaturas, mais preocupadas com o conteúdo do que com a metodologia e com a possibilidade de fazer ciência com os alunos.

“A partir dessa perspectiva, o professor pode elaborar experimentos de laboratório sem necessitar de grandes estruturas”, explica Alessandra Pelegrini, doutoranda e integrante do grupo que promove o curso.

**Fazer Ciência** – A ideia desse projeto de extensão surgiu em 2007, durante a comemoração do nono aniversário do

PPGBM, por uma provocação do palestrante Leopoldo de Meis aos professores e estudantes presentes à atividade. Segundo a professora e coordenadora-geral do Curso de Férias, Célia Carlini, o convidado, após parabenizar docentes e alunos pelo nível do trabalho realizado nos laboratórios, desafiou-os a expandir essa prática de fazer ciência fora da Universidade.

Leopoldo é professor e pesquisador da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e criou, em 1985, a Rede Nacional de Educação e Ciência: Novos Talentos da Rede Pública. Suas investigações junto a alunos do curso de Medicina da UFRJ revelaram o quanto as ideias do que é fazer ciência e do que é ser um cientista são deturpadas durante a formação acadêmica.

De acordo com Célia, que trabalhou com o pesquisador na universidade fluminense, essa constatação o levou a ampliar a pesquisa, chegando a novas conclusões, como a de que esse problema não era exclusivo do curso de Medicina da UFRJ, mas recorrente em outras universidades brasileiras e estrangeiras.

Na busca de respostas para entender a extensão do problema, ele decidiu realizar a pesquisa também com estudantes de Ensino Básico, pos-

sivelmente a origem do problema. Seu propósito era encontrar formas de reverter o processo, atingindo esse aluno o mais cedo possível. Foi quando criou o primeiro curso de férias na UFRJ, lembra Célia, que à época era docente naquela universidade.

**Desafio aceito** – Desafiados pelo pesquisador, estudantes da Pós-graduação em Genética e Biologia Molecular da UFRGS elaboraram um pré-projeto para um curso de férias.

Quando apresentaram essa primeira versão a Célia, ela sugeriu uma visita à UFRJ, para que pudessem verificar como eram elaborados os cursos por lá. Conforme Alessandra Pelegrini, uma das estudantes que viajou ao Rio, foi importante para o grupo conhecer a experiência carioca. Diferente daquela elaborada pelos estudantes gaúchos, mais tradicional, a proposta da UFRJ apresentava uma metodologia atenta a temáticas atuais e promovia maior participação dos alunos a quem seriam propostas as experiências.

Um dos experimentos apresentados a eles tinha como tema o mosquito da dengue – assunto recorrente na mídia e que atingiu particularmente a cidade do Rio de Janeiro. O tema foi explorado a partir de perguntas dos alunos, como

“O sabonete ‘x’ é melhor repelente para a Dengue?”. Para buscar a resposta, os participantes lavaram as mãos com o produto e aproximaram-nas do mosquito transmissor da dengue, devidamente descontaminado. Tudo acompanhado de muitas perguntas.

Alessandra observa que nem sempre a resposta é o ideal da ciência, mas sim o fazer a pergunta certa. Segundo ela, “muitas vezes o aluno mais inteligente não é o que tem a resposta na ponta da língua, mas aquele que arrisca perguntar”. A doutoranda critica a educação destituída de questionamentos e que acaba marginalizando o aluno curioso, acusando-o de querer desviar o foco da aula.

Curiosidade que ela comenta estar ausente inclusive entre os pós-graduandos, comprovam os estudos do professor de Meis. Alessandra questiona o comportamento de colegas que não partem de questões próprias para fazer suas pesquisas. Para a doutoranda, muitos elaboram suas investigações a partir de duas variáveis: a pesquisa do seu orientador ou aquilo que o laboratório disponibiliza de material. “A pesquisa, assim, se transforma em ‘o que eu posso fazer com isso’, e não parte de uma pergunta que eu queira fazer. Aí perde toda a graça.”



Educadores que participam do curso são levados a improvisar experimentos que levem os estudantes a exercitarem sua curiosidade

FLAVIO DUTRA/PROJETO CONTRIO

## Dois pontos

### NOVA ORTOGRAFIA BRASILEIRA

“Nasce a nova ortografia.” Essa era a manchete estampada em um jornal de grande circulação do RS há exatamente um ano. Já no primeiro dia em que as novas regras ortográficas da língua portuguesa entraram em vigor (01/01/2009), a maioria dos veículos de comunicação no Brasil fez questão de mostrar-se ‘por dentro’ do que estava mudando e publicou seus textos de acordo com o que previam as alterações propostas no Acordo Ortográfico de 1990. Ainda que o período de transição para o estabelecimento da nova grafia se encerre somente em 31/12/2012, boa parcela da população brasileira já aparenta ter pelo menos uma ideia daquilo que está mudando.

Em contrapartida, tanto a imprensa quanto a população de Portugal ainda hoje resistem a aderir às novas regras ortográficas, que foram ratificadas pelo governo lusitano em meados de 2008. Por meio de um abaixo-assinado publicado na Internet, por exemplo, foram arrecadadas mais de 110 mil assinaturas de pessoas contrárias à implantação da nova ortografia naquele país. Nas escolas, as crianças ainda ignoram as regras que ditam as novas formas de grafar em língua portuguesa. Parece, pois, que a proposta de consolidação de uma ortografia unificada entre os países de língua portuguesa tem antes gerado controvérsia do que uma unificação propriamente dita. Enquanto assistimos de camarote às discussões que

acontecem do outro lado do Atlântico, seguimos nos esforçando para assimilar tudo o que mudou na ortografia antes de chegar 2012.

#### O não uso de hífen em prefixos

Como vimos na edição anterior, o hífen passou a ser usado em algumas palavras prefixadas nas quais anteriormente ele não aparecia, como micro-ondas e anti-inflamatório. Há, por outro lado, casos de palavras com prefixos em que o hífen deixou de ser registrado.

De acordo com a nova ortografia, não se usa o hífen se o prefixo terminar com letra diferente daquela com que se inicia a palavra seguinte.

Vejam-se os exemplos: autoescola, semiaberto e semiesfera (antes auto-escola, semi-aberto e semi-esfera).

Existem também os casos especiais de palavras com prefixos terminados em qualquer letra diferente ‘r’ e de ‘s’ que antecedem bases iniciadas exatamente com uma dessas duas letras, como nos exemplos anti + racismo e ultra + sonografia. Para esses casos, o hífen não é usado, mas o ‘r’ e o ‘s’ iniciais das bases são duplicados, resultando nas formas antirracismo e ultrassonografia (antes anti-racismo e ultra-sonografia).

André Schneider, revisor de textos  
[andre.schneider@consun.ufrgs.br](mailto:andre.schneider@consun.ufrgs.br)



# Formação de ponta

**Novos cursos UFRGS cria duas graduações inéditas, relacionadas à aplicação de tecnologias de última geração**

Os números mostram que a Universidade já cobriu praticamente todas as opções possíveis de ensino em bacharelados e licenciaturas. O desafio daqui para frente é, portanto, inovar. “Estamos investindo na criação de cursos inéditos, assumindo a responsabilidade de sermos proponentes de novos perfis profissionais”, revela a coordenadora do departamento de cursos da Pró-reitoria de Graduação (Prograd), Denise Dornelles.

Seguindo essa tendência, alguns dos novos cursos a serem oferecidos a partir deste ano pretendem formar profissionais que saiam diretamente da graduação para preencher lacunas de mercado. É o caso de pelo menos dois deles: Biotecnologia e Tecnologia em Química Analítica. Os nomes podem não fazer parte do cotidiano, porém as atividades desempenhadas por pessoas com tais formações são de extrema importância para a sociedade atual. Esses cursos estão relacionados à aplicação de tecnologias de última geração.

**Profissional diversificado** – Desde 2006, o departamento de Biotecnologia vinha pensando sobre a possibilidade de criar uma graduação na área. “Percebemos que o mercado estava maduro para receber um profissional formado mais rapidamente e com menos custos para as empresas. Conversamos com outros departamentos e institutos da Universidade e, para surpresa nossa, a Física e a Informática ficaram deslumbradas com a hipótese”, conta a coordenadora do projeto de implantação do curso de Biotecnologia, Irene Schrank. Ela destaca ainda que, desde o início, a montagem do novo curso foi interdisciplinar, contando com representantes dos institutos de Biociências, Física, Informática e Química, com o objetivo de focar no profissional que trabalharia na interface dessas diferentes áreas.

A graduação já existe em algumas universidades brasileiras, mas as habilitações propostas pelo grupo não têm precedentes por aqui: Bioinformática e Biologia Molecular. “A Biotecnologia existe há milhares de anos. A tecnologia de fermentação do pão e da cerveja são exemplos. No entanto, aqui vamos focar na aplicação das metodologias mais modernas, nas características mais atuais da área”, explica a professora.

Esses profissionais poderão atuar em setores como o de medicamentos, desenvolvendo novos produtos, o de alimentos, melhorando determinados itens, e a veterinária, em alterações de embriões para a melhoria de animais reprodutores. Segundo Irene, o curso vai ajudar o Brasil a chegar mais próximo de países que já deram um salto tecnológico muito grande no setor: “Hoje, o sequenciamento em massa de genomas é feito por máquinas, e o problema é analisar e utilizar esses dados. Em âmbito internacional, isso já está ocorrendo, mas aqui ainda faltam profissionais que saibam manipular essas novas informações”.

A estrutura do curso, que será diurno, foi dividida em duas fases. Os alunos ingressam no vestibular em *Biotecnologia* e depois escolhem a habilitação que pretendem seguir. Por isso, os quatro semestres iniciais contam com disciplinas básicas, chamadas formativas. Além disso, foram criadas cadeiras para ajudar os estudantes a conhecer bem as duas áreas e fazer uma escolha mais acertada: nas disciplinas de *Atividades Orientadas I e II*, diferentes docentes demonstrarão uma visão global dos temas para grupos menores de alunos; já a *Atividade Integradora* consiste na união de várias disciplinas oferecidas desde o início da faculdade. Além de ter uma preocupação em desenvolver o conteúdo proposto, os professores também vão mostrar a sua aplicação na prática profissional. “Recebi muitos telefonemas porque as pessoas não sabem o que é Bioinformática, por exemplo, por isso pensamos o curso com essas condições. Também procuramos não ter uma carga muito grande de créditos por semestre para que o aluno tenha tempo de desenvolver vários estágios nos diferentes laboratórios”, afirma a professora.

A procura pelo curso neste vestibular foi menor do que a esperada, de acordo com a docente – 5,87 candidatos por vaga, densidade semelhante a da Biologia, que foi de 5,95. A ansiedade agora é pelas pontuações dos alunos nas provas, já que o novo curso será um tanto mais exigente que outros porque é necessário trafegar em diferentes áreas: “Nós solicitamos que o estudante tenha facilidade tanto na área biológica quanto nas exatas – química, física e matemática. Os pesos foram distribuídos dessa forma porque vamos formar um profissional diversificado”, argumenta Irene.

**Especialização rápida** – O Instituto de Química também optou – nos seus cursos diurnos – pela entrada única dos alunos em *Química*. Somente depois do primeiro ano de disciplinas de formação



FOTOS FLÁVIO DUTRA/PROJETO CONTATO

básica deverá ser feita a escolha entre Bacharelado em Química, Química Industrial ou Tecnologia em Química Analítica. “A Comissão de Graduação (Comgrad) realizou estudo que detectou um alto índice de evasão nos cursos do Instituto. Claro que isso pode estar relacionado a dificuldades pessoais em algumas disciplinas, mas precisamos fazer algo para diminuir a desistência”, relata a coordenadora da Comgrad, Emilse Martini. Os ingressantes têm, portanto, dois semestres iniciais comuns e uma cadeira chamada *Química – Caminhos Profissionais*, na qual será oferecida orientação sobre as habilitações e suas atividades. A expectativa é de que tal medida resulte na queda da evasão.

O novo curso de Tecnólogo em Química Analítica só existe na Europa e também foi desenvolvido em função da percepção da falta de profissionais com formação mais rápida nessa área. “Ele

é mais curto e forma um profissional qualificado, que tem toda a base aliada a uma especialização para trabalhar com pesquisa, principalmente na parte da Química Analítica Instrumental, em órgãos do governo, em empresas, na própria universidade, em setores industriais, ou diretamente na rede produtiva”, comenta Emilse. Conforme a professora, empresas como as do Polo Petroquímico possuem equipamentos de ponta, porém muitas vezes faltam pessoas com conhecimento para manipulá-los.

Os estudantes terão várias disciplinas específicas para aprender sobre cada técnica de análise, o que será possível graças ao moderno parque analítico do Instituto de Química.

Jaqueline Crestani, estudante de Jornalismo do 7.º semestre da Fabco

## “Tecnologia” em tendência

Os cursos de tecnologia são previstos pelo Ministério da Educação (MEC) e têm, de acordo com a legislação, duração de três anos e carga horária mínima de 2.400 horas. Essa modalidade possibilita uma formação mais rápida, diminuindo o tempo entre a saída do Ensino Médio e o ingresso no mercado de trabalho. Além disso, ela é válida como curso superior e, consequentemente, ao finalizá-la, o aluno pode diretamente fazer uma pós-graduação. “Esses cursos têm um caráter mais imediatista, por sua vinculação com o nicho de mercado, mas eles não são um bacharelado abreviado nem uma formação de mão de obra. Eles envolvem pesquisa e extensão, só que é uma formação mais concentrada, mais focada”, define a coordenadora do departamento de cursos da Prograd, Denise Dornelles. De acordo com a coordenadora da Comgrad de Química, Emilse Martini, houve resistência por parte dos alunos e professores em relação à criação do curso de Tecnologia em Química Analítica. “As pessoas tendem a enxergar equivocadamente no nome ‘tecnologia’ um curso menor. Tivemos de mostrar à comunidade universitária que essa modalidade é muito presente em países europeus e nos Estados Unidos”, conta.

O curso do Instituto de Química que inicia neste ano não é o pioneiro da categoria na UFRGS. Na década de 70, existiu o curso de Tecnologia em Processamento de Dados, que originou a graduação em Ciência da Computação. Além disso, existe atualmente um curso nesse formato oferecido a distância, que se chama Planejamento, Gestão e Desenvolvimento Rural. Há, ainda, previsão de que em 2011 sejam implantados quatro cursos de tecnologia na área da Engenharia. “Estamos tentando trazer também para dentro do Reuni o projeto de expansão do Câmpus Litoral, para atuar no Litoral Norte do Rio Grande do Sul. Nessa região existe bastante espaço para cursos de tecnologia, pois a demanda por Ensino Superior é muito grande e essa seria uma solução rápida”, diz Denise, que completa: “Para um futuro imediato, a tendência da Universidade é criar graduações com perfis inovadores e cursos de tecnologia”.



Os cursos de Biotecnologia e de Tecnologia em Química Analítica irão suprir o mercado de profissionais que saibam manipular novas informações

# Especial



# As caras do SUCESSO

*Estudantes que pensam em conceitos e realizações*

TEXTO JACIRA CABRAL  
DA SILVEIRA  
E MARIA ELISA LISBÔA

Sucesso: *resultado feliz; êxito*. Pode parecer simples, mas o significado do termo não é tão objetivo quanto este, encontrado no dicionário. Na prática, ele se veste de infinitos matizes e pode possuir um sentido diferente para cada indivíduo.

Ter sucesso é uma exigência das sociedades desenvolvidas e pode estar associado à ideia de progresso, competitividade, mercado, retorno financeiro. Nesse sentido, é abundante a literatura que instiga ao sucesso nos negócios, à competência profissional, a uma carreira rentável. Sucesso, sucesso, sucesso.

Mas até que ponto essa exigência associou-se a uma demanda externa em detrimento do sujeito, ou seja, optou-se pelo ter em lugar do ser? Em que medida essa versão (ou inversão) intervém na trajetória de uma carreira inscrita no âmbito universitário?

Partindo desse questionamento, o Jor-

nal da Universidade realizou a enquete *o que é sucesso?* Foram entrevistados alunos de diferentes áreas do conhecimento e de semestres variados, para os quais o sucesso está relacionado à felicidade, ao reconhecimento, à capacidade de repercutir no outro positivamente, de fazer algo de que se goste, de atingir metas.

Com base nesses breves depoimentos, foram convidados especialistas para discutir a questão, que assume lugar privilegiado na contemporaneidade.

**Turistas e vagabundos** – Essa metáfora do sociólogo polonês Zygmunt Bauman para o homem contemporâneo explicita uma época de contradições, na qual os rumos e as referências estão em constante mutação. O único porto seguro é a habilidade de se mover, uma vez que fatores como a desterritorialização e as diversas incertezas são elementos que invadem o modo de ser pós-moderno. Tais aspectos acabam se traduzindo nas diferentes formas de encarar o sucesso, já que ele não está ligado unicamente aos valores pessoais, mas também

estabelece dependência do contexto social que o envolve e que influencia a forma de pensar.

“Existe hoje, na sociedade, um apelo muito forte pelo prazer. As pessoas têm muitas vezes satisfações circunstanciais, mas em geral o homem pós-moderno é um homem que não se compromete. É tudo transitório, efêmero.” A afirmação é da professora de Filosofia e assistente social Cristina Murano, ao analisar a íntima relação entre o contexto social e o consequente comportamento humano – nesse caso, presente em algumas das respostas dos estudantes entrevistados.

De acordo com o coordenador do Núcleo de Apoio ao Estudante da UFRGS (NAE), o psicólogo Marco Teixeira, no passado, as expectativas eram mais formatadas. Se o indivíduo cumprisse determinados requisitos, seria considerado (e se considerava), portanto, uma pessoa de sucesso. A estabilidade empregatícia, por exemplo, era muito bem-vista há 30 ou 40 anos. Hoje, se valorizam muito mais as diferentes experiências que o profissional carimbou na carteira de trabalho.

Rosinha Carrion, socióloga e professora da Escola de Administração da Universidade, enfatiza que a época atual caracteriza-se por uma sociedade cuja cultura valoriza o individualismo, o ganho individual, a aparência – referenciais diretamente associados ao consumo e inseridos na lógica neoliberal. Cultura que ela identifica nas respostas dos estudantes entrevistados, ao valorizarem aspectos como *qualidade e excelência*, próprios de uma coletividade que cultua a motivação e um maior comprometimento do indivíduo com a empresa. “Não há problema em cultivar a excelência e a qualidade como valores, o problema é *o que eu estou disposto a sacrificar em nome disso*.”

**Sobre os ombros** – De acordo com Rosinha, na dinâmica da sociedade contemporânea não há possibilidade de se refletir sobre os valores e as crenças que inspiram a cultura do sucesso. “Você tem de estar constantemente feliz, pois tempo é dinheiro. É uma sociedade que não te propicia esse tempo para reflexão.”

Na opinião da socióloga, o jovem vai buscar construir seus valores por meio da mídia, na medida em que seus pais não quiseram compartilhar com ele seus princípios. “Então ele fica à mercê de uma sociedade individualista. Cada vez menos esse indivíduo tem indicativos associados a valores e a alguma coisa transcendente”.

Para o coordenador do Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade de Paulo Faria, chama a atenção a “vagabundagem” das respostas dos estudantes relativamente aos objetivos para o sucesso. Isso pode indicar uma falta de clareza com relação a que eles projetam para o seu futuro profissional. “Eles não sabem exatamente o que esperam ou podem esperar, e o medo de perder com nitidez o que queremos do futuro é apenas uma ideia vaga dos nossos valores.” Ele responsabiliza o sistema brasileiro de ingresso na universidade pela precariedade de uma profissão que deve ser exercida pela vida toda.

O acúmulo de diferentes expectativas e inseguranças canaliza uma enxurrada de responsabilidades ao indivíduo, para



# “A apreciação social e a realização pessoal são as duas grandes faces do sucesso”

## ENQUETE

L. P.

**Música - segundo semestre**

“Pra mim vai ser um sucesso quando eu tocar, gostar do que estiver ouvindo e me sentir feliz naquilo. Esse é o meu sucesso. Também vou me sentir um sucesso quando for mãe.”

F. V.

**Teatro - sexto semestre**

“É a satisfação pessoal com seu próprio trabalho tu gostares do que faz. Claro, se as outras pessoas gostarem, tu vais ter um reconhecimento, isso é importante. Mas o principal é estar satisfeito com ele ou com o caminho que ele está tomando. No meu caso, é o sucesso no palco.”

D. A.

**Enfermagem - segundo semestre**

“Sucesso é fazer coisas e estar realizada com isso que se está fazendo. Não adianta ter sucesso financeiro mas estar infeliz em certos aspectos. Acho que sucesso tem muito com o estar feliz e transparecer isso.”

A. P. A.

**Pedagogia - primeiro semestre**

“Como futuramente vou ser professor, gostaria de ser reconhecido e me tornar um exemplo. Para mim, isso é sucesso, te tornar um exemplo de profissional.”

B. B.

**Biologia - terceiro semestre**

“Sucesso, profissional ou pessoal, é chegar num lugar que tu idealizou. Tu te viu naquele lugar futuramente, naquele posto, sentindo prazer fazendo aquilo, independentemente do dinheiro.”

J. R. S. F.

**Educação Física - quinto semestre**

“Existem vários tipos de sucesso: pessoal, profissional. E eu vejo o sucesso como recompensa de algo que tu trilhou, em algum momento, ou de algo que tu vens fazendo durante a tua vida toda. Pra mim, é conseguir a minha soberania, não digo em termos financeiros, mas sim em termos de responsabilidade minha perante o que eu faço, ser para as pessoas que me veem um exemplo dentro da área em que eu atuo.”

L. M.

**Educação Física - quinto semestre**

“Acho que todo o dia é uma luta pra chegar ao sucesso. O hoje é um sucesso, mas daqui em diante também será um sucesso, levando em consideração todos estes fatores: o profissional, o afetivo, o familiar, os amigos.”

L. C. S.

**História - quarto semestre**

“A pessoa pode pirar, por ficar sempre procurando o sucesso sem nunca encontrar. Eu prefiro ver que o sucesso é um ato feliz que a gente tenha no dia, algo que nos deixe satisfeitos já é sucesso. Acho que é algo mais plural do que só ficar pensando em ‘ter sucesso quando terminar a faculdade, quando estiver trabalhando’. Se eu ficar postergando, nunca vou ter sucesso ou ser feliz com alguma coisa.”

M. C. S.

**História - quarto semestre**

“Sucesso é poder dormir até as 10 horas da manhã sem ter que se preocupar. Isso seria no fundo uma realização profissional e pessoal, porque não se teria aquela correria.”

E. G.

**Ciências Sociais - quarto semestre**

“Sucesso eu acho é estar bem, ser feliz, fazer o que se gosta. Está no presente, mas também com olho no futuro, porque tem que pensar no futuro. E ele está mais ligado à realização pessoal, porque eu acho que, se a gente não for feliz pessoalmente, não vai ser na profissão também. A base de tudo é o pessoal.”

F. B.

**Matemática - sétimo semestre**

“Não está ligado a um padrão da sociedade, mas àquilo que tu deseja pra tua vida. Se tu consegues aquilo, tens sucesso. Sucesso é o quanto eu me sinto bem na minha vida, não para os outros.”

G. R. G.

**Direito - décimo semestre**

“É realmente conseguir uma realização nos vários campos da vida, tanto pessoal quanto profissional ou nos relacionamentos também. Não pode ficar restrito a um campo só. Ter sucesso profissional não significa ter sucesso como um todo; a pessoa tem que estar realizada em todos os aspectos de sua vida.”

T. K.

**Economia - terceiro semestre**

“Sucesso está muito relacionado com o bem-estar da pessoa e com o que ela acha que vai ser quando crescer. Mas o sucesso pessoal vai muito acima disso. Ele pode estar ligado a uma visão de mundo que não existe, a uma coisa irreal que a gente não imagina que possa nos trazer bem-estar não material, mas um bem-estar da pessoa consigo mesma. Isso é o mais importante.”

## Em busca de equilíbrio

Família, trabalho, lazer não são incompatíveis quando se pensa em sucesso, disseram muitos dos entrevistados. O depoimento de L.P.W., terceiro semestre de Arquitetura, ilustra essa ideia: “É uma congruência entre uma série de felicidades ter bom resultado em todos os campos da vida: no profissional, no emocional, no familiar”.

J. R., aluno do nono semestre de Engenharia Metalúrgica, concorda que trabalho, família e relações interpessoais estão ligados: “Sucesso tem a ver com a estrutura da vida de alguém: família e emprego. Se alguma coisa se desintegra – perde o emprego, por exemplo – dá uma desestruturada”, opina.

É justamente dessa possível harmonia que fala o psicólogo do Núcleo de Apoio ao Estudante da UFRGS (NAE) Marco Teixeira ao analisar a dimensão que o termo sucesso pode assumir para o indivíduo. “O sucesso parte do equilíbrio entre os diversos papéis desempenhados no decorrer da vida, a fim de concretizar, no jogo das demandas diárias – no trabalho, na família, no lazer –, aquilo que esses papéis nos propõem”, aconselha.

Para a professora de Filosofia e assistente social Cristina Murano, a apreciação social e a realização pessoal seriam as duas grandes faces do sucesso, que podem ou não estar relacionadas. “Uma coisa é você ser bem reconhecido, ser um bom profissional, ter um bom ordenado; outra, é você estar satisfeito. A pessoa precisa saber conciliar as coisas. A satisfação pessoal é um sucesso também”, diz.

O perigo de jogar todas as fichas para alcançar o prestígio profissional é, em muitos casos, a frustração. Marco também considera que isso pode ocorrer se o indivíduo incorporar valores externos à sua identidade, como os ditados pela família ou pelo entorno social. Um exemplo disso seria abraçar uma profissão de alto status social quando o que realmente se busca é o contrário disso. “Daí a importância de se planejar a vida não só em relação à carreira, mas num jogo de

papéis, para saber distribuir as expectativas e realizar valores nos diversos espaços que se tem”, conclui.

Além disso, a rotina profissional não é composta unicamente pelo “fazer o que se gosta”. Muito pelo contrário. Aprender a administrar os momentos de estresse também faz parte do sucesso e enriquece a personalidade, proporcionando o amadurecimento com o passar dos anos. Entretanto, esse tipo de percepção aparece em geral quando já se está trabalhando.

O fato de não obter um fruto concreto ou um produto visível como resultado do trabalho não significa necessariamente insucesso. O próprio ato de desenvolver alguma atividade que se identifique com as potencialidades do indivíduo já pode ser fonte de sucesso. “Esse é o ponto em que realização profissional e pessoal se encontram”, resume Cristina.

Para ela, “fazer as coisas bem importa mais que fazê-las”, pois o trabalho é um importante instrumento que repercute positivamente no outro. Afinal de contas, ao fazer bem o seu trabalho, o indivíduo não só melhora a si mesmo como também contribui para a sociedade como um todo. “Sucesso profissional seria conseguir, pelo exercício da minha profissão, criar cidadãos mais críticos, capazes de serem sujeitos, e não só objetos, das mudanças que outros fazem”, comprova essa noção o estudante L. C., do último semestre de Ciências Sociais.

“Essa mentalidade de querer prestar algum serviço para a sociedade e deixar uma marca, evidenciada por L.C., adquire um caráter de sucesso interior”, conclui a assistente social. Ou ainda: “Temos de encontrar modos de trabalhar que correspondam aos nossos interesses, embora isso se modifique com o tempo, porque a gente se transforma através do trabalho”, afirma Marco Teixeira. Ele atribui à atividade profissional a função de conexão com as demais pessoas, por meio do serviço prestado, o que permite o próprio reconhecimento.

## Comportamento

...tes da UFRGS revelam o... m sobre o tema, tecendo... tuações sobre felicidade, ...ção e metas profissionais

de hoje... r meio... is dei... cípios:... ade do... jovem... éticos,

ma de... FRGS, ...gueza”... as aos... pode... ção ao... profis... o que... elhor é... que ter... objeti... silheiro... escolha... ve ser

ativas e... dada de... quem

“alcançar o sucesso” – em termos materiais ou de prestígio – é quase obrigatório. Nesse caso, tal objetivo passa a ser sinônimo de autonomia, independência. “E essa é uma angústia bastante presente entre os jovens universitários. Se entendo sucesso na vida como ‘poder me sustentar’, muitos se perguntam: será que vou conseguir fazer essa transição, ou seja, da faculdade para o ambiente profissional?”, interroga Marco.

Para Rosinha, é muito pesado o fardo que se coloca sobre os ombros desses jovens. Ela cita, inclusive, uma doença tipicamente da atualidade: a alexitimia. “De tanto tentar atender às demandas da sociedade, eu acabo perdendo a capacidade de sentir, de experimentar sentimentos.” A professora diz ser um estado muito comum entre os executivos que são exigidos a superar constantemente metas e desafios. Nesse processo de brutalização para atender às exigências do capital e da empresa, o indivíduo acaba se transformando numa pessoa desprovida de afeto: “E isso pode aparecer nos jovens, por exemplo, ao enfrentar uma situação de vestibular”.

## Movimento curioso

Rosinha Carrion, socióloga e professora da Escola de Administração da UFRGS, tem observado um movimento “curioso” entre seus alunos e que também identifica nas respostas dos estudantes sobre a sua ideia de sucesso. Segundo ela, a geração atual está cética com relação à sua antecessora, formada por aqueles que deram tudo ao trabalho e que foram “absolutamente engolfados” pelo desafio da competitividade, da excelência e da qualidade. Avessos à ideia de dedicação exclusiva, a geração atual (dos 17 ao início dos 30 anos) busca conciliar a exigência profissional com um tempo para si, para os amigos e para os afetos. Ela disse ter lido, há cerca de um mês, num jornal de grande circulação em Porto Alegre, a respeito do problema enfrentado pelas empresas com um tipo peculiar de jovem tomado de profundo individualismo, a quem interessa servir à empresa, mas também receber, de seu empregador, na mesma medida. Para a socióloga, esse “filho” do neoliberalismo percebeu a perversidade do processo, e hoje usa a mesma lógica. “A empresa se torna rapidamente obsoleta para ele. Se ela não lhe der o que ele deseja no hoje e no agora, ele vai embora. Então a empresa está encontrando dificuldade de reter esse jovem”, finaliza.



# Alterações e interesses climáticos

## Meio ambiente

*O que todos deveríamos saber sobre a questão das mudanças do clima – e o que existe por trás disso*

“Mudanças climáticas.” Com certeza, você ouviu falar bastante desse termo nos últimos tempos. Mas, ao ouvir frequentemente essas duas palavrinhas, como você, caro leitor, reage? Provavelmente, segue a sua rotina de emissões de CO<sub>2</sub>, contribuindo, por exemplo, para que uma espécie de “cobertor” se forme e retenha o calor na atmosfera, causando – sim! – aqueles outros termos conhecidos: o efeito estufa e o temível aquecimento global. Enquanto fatos são divulgados e aparentemente permanecemos insensíveis, a questão torna-se ainda mais crítica.

É melhor começar a entender pelo início. O pesquisador do Centro Polar e Climático da UFRGS Jefferson Cardia Simões destaca que é necessário desfazer a confusão. “É difícil, para o leigo, compreender a diferença entre a questão meteorológica do tempo e o clima”, exemplifica. Muitas vezes, usa-se “clima” – conjunto de condições atmosféricas de um determinado local – para se referir, na verdade, ao tempo – estado momentâneo previsto pela meteorologia. Ou seja, quando falamos em clima, estamos nos referindo a décadas, enquanto o tempo diz respeito a semanas.

“Comparo o clima à personalidade de uma pessoa: algumas vão de um estado depressivo à euforia em pouco tempo. Outras, aconteça o que acontecer, não mudam de comportamento. Assim, existem climas mais regulares, outros menos – como o nosso caso, muito oscilante”, expõe o professor de Ecologia da Universidade Heinrich Hasenack. Segundo ele, isso explica por que é natural termos, de tempos em tempos, anos mais frios, quentes ou úmidos. “Temos a tendência a olhar as médias, e quando se foge muito delas, acha-se ruim ou estranho. Não podemos perder isso de vista, ainda mais quando se fala de alterações climáticas”, completa.

**Trágicas transformações** – É importante lembrar que “aquecimento global”, termo banalizado, não representa a questão mais complexa das “mudanças do clima”. E isso leva à resposta sobre o que está acontecendo em nosso planeta. Jefferson explica: “Estamos modificando a composição

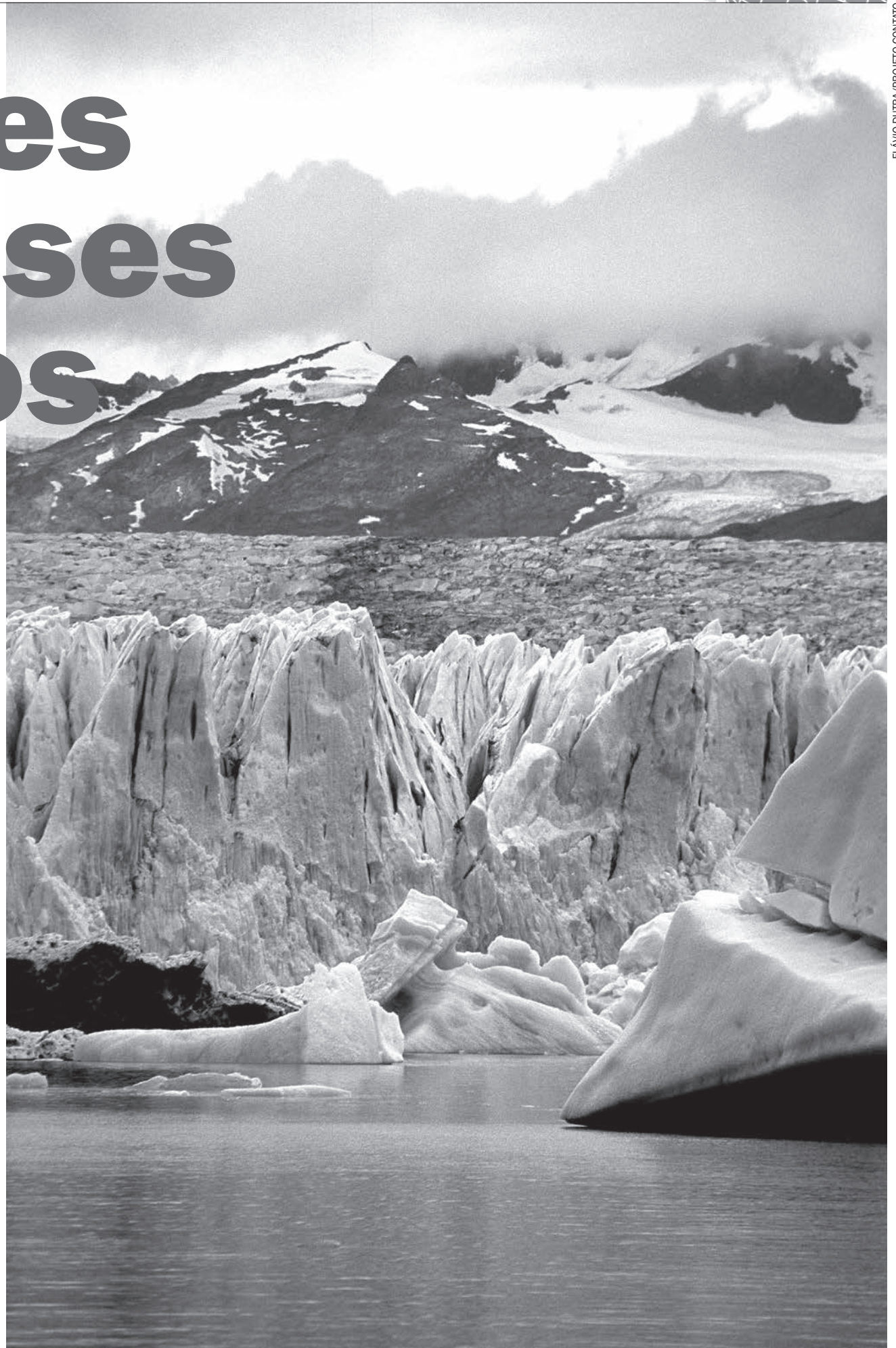
química da atmosfera, o que implica alterações globais no seu comportamento. O clima está mudando as médias e os seus padrões”.

No entanto, analisar o comportamento do clima não é tarefa simples. O registro das mudanças climáticas pelas estações meteorológicas é muito recente em relação à idade do planeta. Em Porto Alegre, as medições são feitas desde o início do século XX. O que são então cem anos na história da Terra? A Organização Mundial de Meteorologia estipula 30 anos como o período adequado para descrever o clima de um local. Em um século podem ser observadas apenas três medidas, o que não é suficiente para se ter uma tendência correta. Mas, utilizando-se dos dados existentes, os estudiosos acabaram por criar modelos que, mesmo não sendo totalmente concordantes, definem as regiões que serão mais frias, quentes ou úmidas. “Isso significa que, assim como o clima, essas transformações não são uniformes. Num lugar, a temperatura pode subir 3° C, enquanto noutro, diminuir 2° C”, revela Hasenack.

**Sem catastrofismos** – Essa não é a única dificuldade enfrentada pelos cientistas. Na opinião de Jefferson, a situação atual ainda é de incertezas em relação à parcela de variabilidade natural e, por isso, não se pode atribuir qualquer evento à interferência humana. Porém, o certo é que em mais 20 ou 30 anos a proporção de ocorrências induzidas aumentará.

Este é um ponto bem importante quando se fala em mudanças climáticas: o processo é lento e as consequências estarão bem mais visíveis daqui a algumas décadas, quando a alteração na composição química, resultado da inserção de mais gases na atmosfera, for mais marcante. “Houve um ‘hype midiático’ que apresentou o processo como se fosse catastrófico e para ontem. Isso é um erro. A indução das mudanças do clima pelo homem é importante e vai afetar o nosso futuro, mas vamos parar por aqui”, define.

O caso do Oceano Ártico seria provavelmente o único fato atual que está diretamente ligado à atividade humana no ambiente. “Nós temos um quadro histórico de 500 anos de variabilidade



O derretimento de glaciares, como os da Patagônia argentina, são testemunhos de um clima em mutação

do gelo marítimo dessa região, e em todo esse tempo nunca havia sido verificado um desaparecimento de gelo tão rápido. Esse processo inédito ocorre ao mesmo tempo em que aumenta da temperatura do Ártico, e tudo isso coincide com o crescimento da concentração de gases-estufa. Não acredito em coincidências na natureza, e essas decorrências acontecem quando o homem aumenta a industrialização”, explica o pesquisador.

**Jogo de conveniências** – É possível afirmar hoje, com certeza, por meio de análises da composição, se a origem do carbono presente na atmosfera é natural ou artificial. Por esse motivo, mesmo que existam cientistas que questionem a veracidade do aquecimento global – os “negacionistas” –, as evidências científicas são inequívocas. A existência das mudanças climáticas afeta, além da nossa relação com o ambiente, a nossa maneira de con-

sumo, a nossa percepção da realidade e da relação com os outros membros da sociedade. “Durante duzentos anos tivemos um modelo econômico com o qual certos grupos tiveram sucesso; é normal que essas pessoas prefiram acreditar nas visões conservadoras que defendem que está tudo bem com o planeta”, expõe o professor do Centro Polar e Climático. Entre os negacionistas, diz Jefferson, existem interesses de grandes empresas, de grupos ultraconservadores, alguns ligados à extrema direita norte-americana, inclusive às indústrias tabagista e de petróleo.

Prova de que existem especulações e interesses acerca da questão foi o caso do “climategate”. Semanas antes do início da 15.ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP-15), foram divulgados emails trocados desde 1996 por cientistas da University of East Anglia, do Reino Unido, com pesquisadores norte-ame-

ricanos. Hackers teriam invadido os computadores da instituição britânica e descoberto mensagens que provariam a manipulação de dados a respeito do clima para criar um exagero sobre o aquecimento global. Ambos os professores da UFRGS acreditam que o caso tenha sido “preparado”. Isso não quer dizer que houve um comportamento irregular por parte dos cientistas, mas que os interessados se aproveitaram da situação para tentar criar um clima de descrédito científico antes do importante evento. O caso está sendo investigado, e nós, os maiores interessados no futuro do planeta, precisamos permanecer informados e atentos para saber no que acreditar e de que forma ajudar a garantir a sobrevivência de nossos descendentes.

Jaqueline Crestani, aluna do 7.º semestre de Jornalismo da Fabio

## COP-15 Países ricos e em desenvolvimento longe de um acordo

A 15.ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP-15), que aconteceu em dezembro em Copenhaga, na Dinamarca, foi considerada por muitos um fracasso. Apesar do inédito comprometimento dos Estados Unidos, o grande impasse entre países desenvolvidos e nações em desenvolvimento não permitiu o esperado acordo. Embora o texto acordado não tenha caráter jurídico, todos os participantes, em meio a divergências, aceitaram fazer o máximo para que as temperaturas não aumentem mais do

que 2° C até o final do século e, no início deste ano, cada país deve apresentar suas promessas de cortes de emissão de poluentes. Além disso, as negociações devem continuar ao longo do ano para que até 2012 se consiga pensar em um tratado mais sério, quando o protocolo de Kyoto irá perder a validade.

Para o coordenador do Centro Polar e Climático da UFRGS, Jefferson Cardia Simões, o conflito entre os países ricos e os em desenvolvimento é uma briga de conservadores. Assim

como o professor do Centro de Ecologia Heinrich Hasenack, ele acredita que as mudanças climáticas são uma oportunidade única para a criação e o aprimoramento de novas tecnologias, novos comportamentos. “Tem como se continuar evoluindo, se desenvolvendo e tendo lucros mesmo se comprometendo com a redução de emissões de gases-estufa. Hoje já existem cálculos comprovando que conseguimos evoluir melhor com custos menores se adotarmos técnicas limpas, mas isso implica mais trabalho, e as pessoas estão acomodadas e

não querem mudar”, explica Jefferson.

Segundo o pesquisador, embora não possamos criticar os países desenvolvidos por exigirem que os menos ricos também se comprometam com a questão ambiental, evidentemente, eles precisam se comprometer na mesma medida com a transferência e o financiamento de tecnologias limpas, por exemplo, para países como o nosso.

Ao que parece, a solução está longe de ser alcançada. Enquanto isso, a atuação do homem segue colaborando com as alterações climáticas.



# Do laboratório para a rua

## TECNOLOGIA

### Primeiro no Brasil, bloqueador solar fator 100 é desenvolvido na Universidade por meio de nanotecnologia e promete alta proteção

O baixo índice de produção de melanina resulta na tonalidade de pele clara, o que exige que muitos veranistas se afastem dos raios solares a fim de se proteger dos raios UVB – tipo de radiação associada ao surgimento de melanoma, o mais grave entre os tipos de câncer de pele, devido à sua alta possibilidade de metástase. Para prevenir a doença e evitar que muita gente fique longe do litoral por causa do Sol, está no mercado o *Photoprot*, bloqueador solar fator 100, desenvolvido em parceria entre a UFRGS e a Biolab, indústria farmacêutica brasileira.

A preocupação em combater esse tipo de câncer não é vã: entre os tumores malignos, os de pele estão entre os mais frequentes no Brasil e correspondem a 25% do total registrado. Estimativas do Instituto Nacional do Câncer preveem 17.780 novos casos para este ano no país, que apresenta 50% da população com pele clara. Na Região Sul, esse número poderá chegar a 82%.

A elevada ocorrência da doença também se deve ao fato de que o Brasil encontra-se em uma região de alta incidência de raios ultravioletas – o risco varia de muito alto a intenso, conforme a Sociedade Brasileira de Dermatologia (SBD). Nessas áreas, há a necessidade da adoção de rigorosas medidas para proteger quem se expõe ao sol.

**100 vezes mais proteção** – “Com o bloqueador solar fator 100, a pessoa está 100 vezes mais protegida do que se ela estivesse sem o fotoprotetor.” A afirmação é da professora de Farmácia da Universidade e uma das coordenadoras do projeto que deu origem ao *Photoprot*, Sílvia Guterres. Estudos anteriores chegaram a afirmar que seria dispensável aumentar o fator de proteção acima do FPS 30, pois não haveria mais efeito sobre a pele. “Isso foi muito divulgado, de modo que o Food and Drug Administration (FDA), órgão americano de fiscalização sanitária, limitou os produtores de fotoprotetores a irem somente até 30”, explica Sílvia. Entretanto, pesquisas suplementares relataram que a situação não seria exatamente essa.

**Vale lembrar que o uso desse bloqueador fator 100 não exige o consumidor dos mesmos cuidados ao expor-se à radiação solar: é recomendável que o utilize 20 minutos antes da exposição ao Sol e o reaplique periodicamente**

Hoje está comprovado que há a necessidade de fotoprotetores com grau de proteção bem maior do que o 30. Ela considera que existe uma tendência ao aumento do fator de proteção, porque as pessoas buscam maior segurança durante a exposição ao Sol em determinados períodos do dia. Vale lembrar que o uso desse bloqueador fator 100 não exige o consumidor dos mesmos cuidados ao expor-se à radiação solar: é recomendável que o utilize 20 minutos antes da exposição ao Sol e o reaplique periodicamente.

**Querida, encolhi as crianças** – Pequeníssimas partículas são capazes de grandes coisas. Esse é o princípio da nanotecnologia, usada no desenvolvimento do *Photoprot*.

Um nanômetro equivale a um bilionésimo de metro e, no caso desse nanocosmético, foram utilizadas nanopartículas de 240 nanômetros cada. O escudo de proteção do *Photoprot* depende justamente dessas partículas, pois elas apresentam propriedades químicas únicas e seu tamanho e formato contribuem para a eficácia do produto sobre a pele. Professora de Química e uma das coordenadoras do projeto, Adriana Pohlmann explica que, pela sua dimensão, esses dispositivos nanométricos têm um efeito duplo. “A mesma estrutura propicia a reflexão e a absorção de luz, o que normalmente é feito com duas substâncias diferentes nos fotoprotetores”, ilustra.

A maior resistência à água é uma das vantagens do produto, conforme as pesquisadoras. Isso se deve ao efeito reservatório dos aglomerados nas camadas superiores da pele, agindo como milhões de minúsculos adesivos que refletem e guardam dentro de si a radiação solar danosa, impedindo-a de entrar em contato com o corpo humano. Além disso, a matéria-prima que compõe o *Photoprot* é biodegradável, feita de óleo de buriti – fruta comum na região amazônica –, o que diferencia o produto de outros fotoprotetores produzidos com nanotecnologia. “Não estamos trabalhando com algo de que não sabemos qual é a segurança”, afirma Sílvia.

Nanocosméticos com partículas biodegradáveis foram colocados no mercado pela primeira vez em 1995 por uma empresa francesa. No entanto, ao que tudo indica, esse achado não é tão atual quanto parece: há pesquisas que atribuem aos egípcios da antiguidade o uso da nanotecnologia num tipo de pintura em negro, utilizada para adornar os olhos.

O futuro dessa tecnologia promete pesados investimentos no setor de fármacos. Estimativas da National Science Foundation, dos Estados Unidos, sugerem que, em 2015, 2 milhões de novos postos sejam criados e 1 trilhão de dólares seja aplicado para a fabricação de produtos.

Aprovado pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), órgão vinculado ao Ministério da Saúde, o *Photoprot* passou por dois procedimentos de testes ocorridos simultaneamente: durante o desenvolvimento, dentro da Universidade, e na transposição para a escala industrial. Isso se deu por meio da contratação

de laboratórios creditados, que deram o laudo, aprovando o registro e a comercialização do *Photoprot*. Além das duas pesquisadoras que coordenaram o projeto, mais três bolsistas tiveram participação na elaboração do bloqueador solar.

**Propriedade intelectual** - O contrato de parceria entre a Universidade e a Biolab prevê a propriedade intelectual do *Photoprot* e tem a finalidade de preservar o conhecimento que deu origem ao produto, incubado na UFRGS. Patentado pela Secretaria de Desenvolvimento Tecnológico (Sedetec) como único bloqueador solar fator 100 a utilizar a nanotecnologia no Brasil, o produto é resultado de uma demanda da Biolab que chegou à Universidade. Até então, esse tipo de artigo, no mercado brasileiro, era importado.

A Universidade já vem trabalhando há nove anos nessa área, desenvolvendo produtos nanotecnológicos para a aplicação na região cutânea, os nanocosméticos. Em nanotecnologia para fármacos, o Brasil ocupa a 14.ª posição mundial, e os grupos de

pesquisa da UFRGS respondem por cerca de 30% da produção brasileira.

O processo de patenteamento garante o monopólio do produto por 20 anos ao seu titular e iniciou em 2005 com os primeiros resultados do *Photoprot*.

Lançada no mesmo ano, a chamada pública do edital da Finep/CNPq abriu a possibilidade dos trabalhos integrados entre o Instituto de Química, a Faculdade de Farmácia da UFRGS e a Biolab, viabilizando a fabricação de nanocosméticos. Nesse caso, a patente firmada é de cotitularidade: empresa e universidade respondem pelo produto. A Biolab entrou no processo com o aporte de 30% para o seu financiamento, e a cargo dela estão funções como lançamento, exploração, campanha de marketing e comercialização.

A Universidade participa com o conhecimento, fomentado dentro dos laboratórios de Química e da Farmácia. Por isso, sobre a venda de cada unidade, a Biolab deve pagar *royalties* à UFRGS, os quais serão distribuídos entre a universidade, as faculdades envolvidas e os pesquisadores. “Desde o

início, vislumbramos um potencial de inovação nesse projeto. Foi um acordo de interesses entre a Universidade e a empresa. Nós temos de manter um controle sobre isso. Ambas as instituições devem chegar a um consenso sobre o que é feito com o resultado”, afirma Adriano Rossi, secretário jurídico da Sedetec.

De acordo com a Biolab, a exportação do produto já está prevista para este ano. Para Sílvia, a partir da invenção do *Photoprot*, o Brasil passa a ser referência na produção de fotoprotetores no mundo. Ela se diz satisfeita com os resultados da parceria e é otimista em relação ao desenvolvimento de outros nanocosméticos desse tipo, pois é grande o envolvimento de novos alunos com as pesquisas, o que reverte em resultados para a sociedade. “Atividades que fazemos dentro da Universidade conseguiram extrapolar muros. É produzir algo que não pertence ao pesquisador... é da sociedade”, finaliza.

Maria Elisa Lisbôa, estudante do 7.º semestre de Jornalismo da Fabico



FLAVIO DUTRA/PROJETO CONTINIO



# O canto das guerreiras

## Música

**Existem ótimas cantoras gaúchas, mas é raro vê-las na mídia**

Grandes artistas femininas nunca faltaram em nosso estado. Dos primórdios do rádio à atual enxurrada de arquivos digitais, inúmeras mulheres deram voz à cultura gaúcha com suas composições. Passando por estilos tão diversos quanto o samba e o rock-'n'-roll, historicamente, o Rio Grande do Sul se mostrou um berçário de talentos. Apesar disso, aquelas que vivem de suas músicas precisam batalhar diariamente para que seus trabalhos cheguem ao público. O que é uma rotina fatigante.

Muitas vezes, a linha editorial dos veículos de comunicação locais dá mais destaque a artistas de outros estados do que às cantoras daqui. Além disso, várias delas atuam sem o suporte de gravadoras, valendo-se apenas da Internet para divulgar suas músicas. Já não restam dúvidas: se as mulheres fossem frágeis, nosso cenário musical não estaria repleto delas.

**Dura independência** – Marisa Rotenberg é cantora profissional há mais de uma década. Recentemente, lançou seu segundo disco, “Boa Hora”, e foi convidada a fazer a canção tema do Projeto Água Limpa, iniciativa da *top model* Gisele Bündchen para recuperar a mata ciliar das microbacias de Horizontina e Tucunduva (RS). A compositora entende que o trabalho do artista independente costuma ser mais lento do que o de alguém vinculado a alguma empresa do ramo musical, porque o primeiro não conta com a geralmente polpuda verba de marketing. “Que é o dinheiro que as gravadoras usam para anunciar seus músicos”, explica. De acordo com ela, isso garante que determinado músico se apresentará com frequência em programas de televisão e será chamado para entrevistas, mesmo que não esteja lançando um trabalho. “É o popular já”, define.

Apresentando o *Conversa de Botequim*, programa da rádio FM Cultura voltado à música brasileira, o jornalista Luiz Henrique Fontoura teve contato



Embora tenha ficado mais fácil lançar discos, Marisa Rotenberg diz que fazer shows ainda é muito caro

com diversas cantoras. Ele acredita que muitas artistas gaúchas encontram obstáculos por exercerem seu ofício por conta própria. “A maioria delas trabalha de maneira independente, sem uma gravadora que vá de rádio em rádio para negociar que suas músicas sejam tocadas. Não há ‘música de trabalho’, nada disso”, comenta.

Na opinião de Marisa, outro grande entrave enfrentado pelos artistas é levar suas obras até onde a plateia está. “Produzir e distribuir um disco já não é mais tão difícil como antigamente. Fazer shows é que se torna dispendioso, já que uma passagem do sul para qualquer lugar do país é cara. E o nosso trabalho não deixa a desejar em nada ao de outros artistas. A questão é que não temos cacife para aparecer tanto na mídia e para viabilizar a circulação dos nossos shows.”

**Refratários à arte** – Atualmente, existem muitos sites que permitem expor composições gratuitamente (MySpace, YouTube e Last.fm são alguns exemplos), e a maioria das cantoras gaúchas está mais presente no meio

digital do que nos veículos convencionais. Porém, a roqueira porto-alegrense Izmália Íbias é cautelosa em relação à tecnologia: “Por um lado, a Internet ajudou, abrindo o mercado, que não está mais restrito ao rádio, ao jornal e à televisão. Mas, ao mesmo tempo, esse mercado é cruel; quando ele abre demais, pessoas que só querem ganhar dinheiro fazendo um disco inteiro com músicas iguais muitas vezes conseguem mais espaço do que bons artistas”.

Segundo estimativa divulgada pelo Ibope em novembro, apenas 29 milhões de brasileiros (cerca de 15% da população) utilizam a Internet em suas casas ao menos uma vez por mês. Ou seja, ainda é a mídia tradicional a que mais influencia o gosto musical das massas. E o que se tem observado é que as grandes emissoras têm dado pouca atenção a essas mulheres. É o que lamenta Luiz Henrique: “Porto Alegre tem um problema sério que é o espaço nos meios de comunicação. Muito poucas rádios tocam a geração de artistas que está no cenário atual”.

Izmália faz questão de agradecer o incentivo que tem recebido por parte

de alguns veículos, mas reitera a crítica do jornalista. “Comparada às grandes metrópoles do país, Porto Alegre é uma cidade pequeno-mediana. E, infelizmente, acho que nossa mídia também é, de certa forma, pequena e mediana. Olha o caso da Bahia: as bandas baianas tocam muito nas rádios de lá, são enaltecidas e ganham dinheiro. Aqui, parece que só o que vem de fora é aplaudido de pé, mesmo que seja ruim, e as coisas boas locais às vezes nem são noticiadas.”

**Peleando e cantando** – Segundo Luiz Henrique, isso acontece devido à orientação editorial das emissoras e por questões comerciais. Em vez de se investir na riqueza artística do nosso estado, se aposta sempre no mesmo. Basta ver que as atrações dos grandes festivais musicais pouco se alteram ao longo dos anos. Ou então analisar os *play-lists* das rádios: “São tocadas as mesmas trinta músicas por mês. Num estado com uma diversidade cultural como o nosso, isso não é nada”, critica Marisa Rotenberg.

O jornalista concorda com ela e sugere mudanças. “Seria melhor que a mídia modificasse sua postura, colo-

## Cheia de encantos mil...

Muitas cantoras gaúchas se mudam para o Rio de Janeiro em busca de melhores condições de trabalho. Mas nada é garantido. “As pessoas vão para lá tentar conquistar mais espaço e reconhecimento, só que também é complicado trabalhar no centro do país justamente porque tem muita gente”, afirma o jornalista Luiz Henrique Fontoura. Marisa Rotenberg concorda: “Muitos músicos do Brasil todo vão pra lá, então fica difícil. Até os artistas cariocas têm dificuldade de ganhar dinheiro fazendo shows. Na realidade, o Rio é muito mais vitrine do que grana”.

Porém, Izmália Íbias considera muito válidas as incursões que fez à Cidade Maravilhosa. “Todos os meus shows no Rio saíram em jornais nacionais e apareci muito mais na mídia gaúcha durante o ano e meio que morei lá. Porque o eixo é Rio-São Paulo, onde está a grande mídia brasileira, então quem aparece lá aparece no Brasil. Os meus planos são de ir morar no Rio em definitivo. Aliás, assim que der, eu vou”, revela a roqueira.

cando mais na roda o trabalho das nossas artistas. Se elas conseguissem uma exposição maior na televisão e no rádio daqui, iriam estourar em todo o país porque são extremamente competentes. Prova disso é que, mesmo sem ter tanto espaço, suas apresentações enchem teatros e seus CDs são vendidos”, afirma.

De fato, nossas cantoras têm conquistado um público fiel e o reconhecimento da crítica. Em 2002, o primeiro disco de Marisa Rotenberg, “Na Batida”, ganhou o Prêmio Açorianos na categoria de melhor espetáculo e melhor CD de MPB. Izmália Íbias recebeu da mesma premiação, na edição de 2007, o troféu de melhor vocal pop pelo álbum “Quase Não Dói”. Em breve, ela gravará seu novo disco e lançará em DVD o show que gravou no Teatro Renascença. Tchê, mas são macanudas essas gurias!

Ariel Fagundes, estudante do 5.º semestre de Jornalismo da Fabico

## JU indica



### Políticas de Proteção à Infância – Um Olhar Antropológico

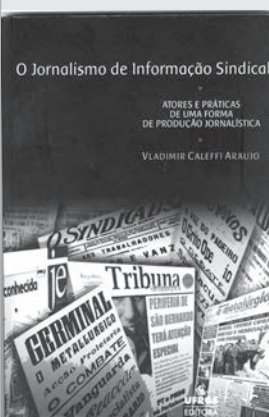
Cláudia Fonseca e Patrícia Schuch (orgs.)  
Editora da UFRGS, 2009,  
320 págs.  
R\$ 25

O livro reúne 11 artigos, frutos de pesquisas desenvolvidas por membros do Núcleo de Antropologia e Cidadania (NACI) do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade. Oriundos de diferentes segmentos que trabalham com a questão do atendimento à criança e ao adolescente, os autores somam à reflexão teórica suas experiências em instituições como Febem, Fasc e CNDCA. No texto intitulado Pensando políticas para uma realidade que não deveria existir: egressos do sistema de abrigos, as autoras têm como principal preocupação os jovens que, ao completar 18 anos, passam a ser considerados adultos, deixando de ser tutelados pelo Estado e de fazer parte do eixo do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Nesse

universo, é feita uma análise do que representa a Bolsa Jovem Adulto – política pública que atende especialmente os egressos do sistema municipal de abrigamento. Longe de ser uma obra teórica, ainda que apareçam pensadores como Foucault e Donzelot (entre outros) para elucidar uma questão ou outra, os autores ilustram suas abordagens contando histórias de jovens, mães acolhedoras e profissionais incumbidos de executar as políticas. “Da leitura do material, emerge uma convicção de que não há ‘receita’ capaz de solucionar os paradoxos da desigualdade política e econômica. Há, contudo, medidas mais ou menos dialógicas, mais ou menos atentas à diversidade cultural – uma sutileza que, na vida de muitos, faz toda a diferença.” (Jacira Cabral da Silveira)

### O Jornalismo de Informação Sindical: Atores e Práticas de uma Forma de Produção Jornalística

Vladimir Caleffi Araujo  
Editora da UFRGS, 2009,  
224 págs.  
R\$ 30 (valor médio)



Um setor pouco conhecido e estudado do Jornalismo é o foco da pesquisa de Vladimir Araujo neste livro, adaptado de sua tese de doutorado em Ciência da Informação e da Comunicação, defendida em 2003 na Université Panthéon-Assas Paris II – Institut Français de Presse. O autor faz um estudo sobre a imprensa sindical brasileira, utilizando entrevistas com profissionais e análise de conteúdo – desde as edições feitas em mimeógrafo e os jornais-murais até jornais, revistas, boletins de Internet e programas de rádio e televisão produzidos nos moldes da grande imprensa. Partindo da prática do jornalismo tradicional, o pesquisador questiona a natureza da atividade desenvolvida nos sindicatos e traça paralelos com a imprensa sindical francesa. (Luciane Costa)



### Contos de Abandono

José Carlos Laitano (org.)  
Libretos, 2009,  
197 págs.  
R\$ 25

Nesta coletânea, que reúne 27 contistas, a heterogenia é inevitável: o interiorano isolado na metrópole, cartas tristes e pueris a personagens imaginários, tragédias familiares – dramas que parecem estender a mão em busca de um socorro que não virá. O leitor, testemunha única na aridez da distância, nada pode fazer. Talião, de Danielle Martins Cardoso, é a confissão de um crime e pedido de castigo – Guimarães Rosa na forma, Dostoiévski na substância. Inovações saramaguianas aparecem nos dois blocos poéticos de Lilian Gattaz, em um dos mais belos trechos do livro, junto ao diálogo unilateral de Joana, de Jane Tutikian, que tira do bagaço do amor virtual e não correspondido um succo mais saboroso que o das paixões grandiloquentes. (Demétrio Pereira)



FLAVIO DUTRA/PROJETO CONTRIO

# Livros que falam

## Maratona Literária

### *Apostando na leitura como atividade coletiva, iniciativa consolida espaço na agenda cultural de Porto Alegre*

O sol que fustiga a capital gaúcha não parece incomodar um grupo de 40 pessoas reunido no Cais do Porto desde as 17 horas. À beira do Guaíba e à sombra do toldo armado junto ao Armazém A5 para uma Bienal do Mercosul em despedida, um público atento escuta Caio Fernando Abreu falar pela boca de um homem: “Há alguns dias, Deus – ou isso que chamamos assim, tão descuidadamente, de Deus –, enviou-me certo presente ambíguo: uma possibilidade de amor”.

Investidas do vento balançam um varal de folhetos. Alguns se soltam, voam para longe. Um passante cata um dos papéis dispersos; quer descobrir o que aquela gente faz ali. Caio acaba de conquistar mais um ouvinte, que ainda escutará Clarice Lispector e Julio Cortázar. É 29 de novembro e o espectador novato soma-se aos mais de 3.400 participantes que já passaram por alguma das seis edições da Maratona Literária, iniciativa inaugurada no ano passado pela Coordenação do Livro e Literatura da Secretaria Municipal de Cultura (SMC).

**A largada** – Reunir pessoas e ler. Parece simples, mas, em meio a urgências cotidianas, ninguém havia pensado nisso ainda. O pioneirismo foi reconhecido: a Maratona concorreu ao Fato Literário 2009 e, se o prêmio não veio, ficou a vitrine e a interação com outras propostas. Já estão marcadas visitas à Biblioteca Ilê Ará, do Morro da Cruz, e à cidade de Três Passos, do projeto “Leia Menino”, o mais lembrado pelo voto popular.

No Prêmio Açorianos de Literatura 2009, a Maratona foi destaque na categoria Projetos de Incentivo, Promoção e Divulgação da Literatura, mas foi “despremiada”. Ainda que os destaques do Açorianos sejam eleitos por votação espontânea, a Secretaria

de Cultura alegou “mal-estar” por promover tanto a láurea quanto o laureado. De todo modo, naquela noite, todas as estatuetas foram entregues por maratonistas que, para anunciar os premiados, leram trechos das obras vencedoras.

Essa repercussão sucedeu uma ideia que nasceu tímida. Em passagem por Madri, o secretário municipal de Cultura, Sergius Gonzaga, descobriu um grupo que se reúne anualmente para ler *Dom Quixote*, em comemoração ao Dia Internacional do Livro. A intenção de fazer algo semelhante em Porto Alegre foi transmitida para Daniel Weller, coordenador do Livro e Literatura, que pensou diferente: “Em vez de serem sempre as mesmas pessoas numa rodinha intimista, imaginei uma grande festa, em que todos seriam convidados a ler tanto quanto quisessem, revezando-se espontaneamente”.

E assim foi, malgrado as desconfianças iniciais: uns não entendiam a proposta, outros não concebiam a possibilidade de um evento não ter hora para acabar – por isso o termo “maratona”: a atividade segue até que o livro chegue ao fim.

Os receios foram contrariados já na primeira edição, que reuniu quase 500 pessoas no Centro Municipal de Cultura. Intercalada por apresentações artísticas a cada 45 minutos, a leitura de *Cem anos de solidão*, de Gabriel García Márquez, seguiu das 19h30min do dia 22 de abril às 17h30min do dia seguinte – 22 horas que não impediram sete participantes, os “sobreviventes”, de ficarem até o final.

Enquanto visitavam a Macondo dos Buendía, os maratonistas receberam cartelas para votar na obra que seria lida no encontro seguinte. A internet também entrou no baile: “Há essa pré-seleção presencial, e os mais votados vão para a enquete on-line. Temos um

blog e uma comunidade no Orkut, o que é legal porque solidifica o envolvimento das pessoas”, considera Cris Cubas, organizadora da Maratona.

Venceu *A metamorfose*, mas o conto de Franz Kafka foi considerado curto demais para as ambições desafiantes do evento. Em seguida vinha *Os ratos*, de Dyonélio Machado, que, formando dupla com o clássico kafkiano, ofereceu oportunidade para que a 2.ª Maratona Literária fosse batizada de “Noite dos Bichos Estranhos”.

**Na atmosfera do livro** – O ambiente foi ornado com insetos de brinquedo, e uma trilha de ratos foi traçada da Av. Ipiranga até o Centro Municipal de Cultura. Tudo para ditar o clima da noite em que Gregor Samsa se transformaria em um “monstruoso inseto”, e Naziazeno Barbosa seria atormentado por ratos imaginários.

Já o cenário da 3.ª Maratona foi o de um arraial. Além de café e chimarrão, sempre oferecidos gratuitamente, também circularam pinhão e pipoca – ares de festa junina para *Grande sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa. Mais de vinte apresentações de música, dança e teatro ocorreram nos intervalos.

As atrações culturais são resultado de parcerias com o Atelier Livre da SMC e com a cooperativa de artistas Cabaré do Verbo: “A ideia é misturar todas essas manifestações. No mesmo espaço em que oferecemos livros, há também um ateliê de artes plásticas”, explica Daniel Weller.

**Sobreviventes** – Intervalos e aperitivos amenizam o desgaste dos maratonistas, mas poucos conseguem acompanhar o livro de cabo a rabo. O número de “sobreviventes”, entretanto, vem aumentando. Da primeira para a segunda edição, houve um salto de sete para 23 participantes que ficaram até a última página. O índice mais interessante mostra que a Maratona está atraindo primeiros-leitores: nenhum dos sete primeiros sobreviventes havia lido *Cem anos de solidão*, e, dos 23 maratonistas que chegaram ao fim de *Grande sertão: veredas*, 21 nunca haviam completado a obra. Incentivados por uma atividade

coletiva, venceram o livro e, de quebra, garantiram o sucesso da festa.

É o caso da fisioterapeuta Denise Xavier Lopes, sobrevivente de **todas** as edições (inclusive as itinerantes), que se fascinou com o realismo mágico de García Márquez: “É desgastante, sim, passar a noite lendo com um grupo de pessoas que tu nunca viste, mas a experiência é enriquecedora, motivadora”, conta.

Além de dar voz a grandes autores, Denise também sai das noites de leitura com suas próprias histórias para contar: “Na terceira edição, já de manhã, estava ocorrendo um programa de literatura francesa, e a plateia esvaziou. Eu estava lendo e não tinha quem chamar. Pensei: ‘se eu parar, acaba. Não pode!’ Li mais de uma hora sozinha, até que chegou um colega e fui relaxar”, lembra.

**Futuro nômade** – A tendência é que a Maratona se torne itinerante, se somando à programação de eventos culturais, a exemplo das participações no Acampamento Farrroupilha, na 55.ª Feira do Livro de Porto Alegre e na 7.ª Bienal do Mercosul.

O Parque da Harmonia serviu de palco para a narração de *Contos Gauchescos*, de Simões Lopes Neto, e de *O Analista de Bagé*, de Luis Fernando Verissimo.

Na Praça da Alfândega, o banco de Quintana e Drummond foi o ponto de encontro para as “minimaratonas” pautadas pela agenda de palestras da Feira do Livro. Passaram por ali Allan Poe, Balzac, Euclides da Cunha e L. F. Verissimo.

Para Daniel Weller, que também é aluno do Instituto de Letras da UFRGS, a Maratona resiste à lógica de uma época em que o tempo, como se diz, é “artigo de luxo”: “Não adianta você ter um e-book, uma porrada de livros no bolso, se você não investe 30 horas para ler um *Cem anos de solidão*. A aposta do projeto é esta: a leitura, neste momento de aceleração, tem que ser concebida coletivamente”.

Demétrio Rocha Pereira, estudante do 6.º semestre de Jornalismo da Fabico

## A comunicação do corpo

Comentando as apropriações do livro propiciadas pela Maratona Literária, a professora Ana Liberato, do Instituto de Letras da UFRGS, lembra de obras feitas para serem faladas, como a de Shakespeare, cânone da alta cultura ocidental cujas peças são fruto da observação do cotidiano das ruas: “Ele foi um sujeito que, não à toa, transitava pela periferia de Londres. Muito do que há nos textos dele vem da experiência de ter escutado histórias, reaproveitado ditados”, diz.

Seria falsa, portanto, a dicotomia que pretende diminuir a cultura popular e os grupos não letrados frente à tradição escrita. O foco do trabalho de Ana é a oralidade em si mesma: “A narrativa é uma forma de organizar a experiência, é quando trazemos um passado que está dentro de nós, mas que precisa daquele momento em que alguém pede: ‘conta uma história, me fala da tua vida’. Ai tu te propões a pensar de um outro jeito que não o da escrita”.

À frente do projeto de extensão **Quem conta um conto**, dedicado a investigar a oralidade em contos populares, Ana chegou ao bairro da Restinga, onde passou a registrar as narrativas orais dos moradores. Para a professora, as convenções educacionais marginalizam a oralidade por força da ideia de que apenas a escrita é sofisticada. Ainda assim, as interlocuções propostas por sua pesquisa repercutiram na grade curricular do Instituto de Letras: em 2006 foi aberta a disciplina “Literatura Oral e Tradicional”.

A palavra, de fato, é efêmera, mas há vantagens: “Quando as pessoas se reúnem, existe uma relação física, não há como ignorar a presença do outro. Como contadora, frequentemente a audiência me faz alterar o ritmo, repetir coisas... É a questão da performance. No texto, tu podes construir a situação de um leitor implícito, mas pouco se preserva dessa dimensão corpórea”, considera.

Tivessem a oportunidade de escapar do texto e chegar ao leitor tal como foram ouvidos pelo repórter, o quanto mais não diriam os relatos aqui presos em letras?

## DESTAQUE

## Devolvida à cidade



Mensalmente, ciclos temáticos alternativos ocupam o Cinema Universitário da UFRGS

## Sétima Arte

## Sala Redenção comemora ano em que resgatou programação diária

Em 2009, o projeto para a Sala Redenção-Cinema Universitário teve como meta fazer com que os cinéfilos redescobrissem a Sala como um espaço cultural relevante para a capital, oferecendo uma programação diária, com ciclos alternativos para públicos diversos. A programação foi pensada com o objetivo de devolver a Sala Redenção à cidade de Porto Alegre – intuito que a curadora, Tânia Cardoso de Cardoso, avalia ter atingido. Neste mês de janeiro, a mestre em Literatura Comparada e doutora em Literatura Brasileira pela UFRGS (iniciando agora uma especialização em Cinema Expandido) completa um ano à frente da coordenação do cinema.

Tânia lembra que o verão passado foi marcante porque há muito tempo não se ofereciam sessões nessa época em função de a Sala não ter equipamento de ar condicionado. Em março e abril, o Cinema Universitário realizou um ciclo especial, *A UFRGS quer mexer com sua cabeça*, exibindo filmes como *Hair*, *Brilho Eterno de uma Mente sem Lembranças* e *Blade Runner*, com o objetivo

de desestabilizar o espectador. E, segundo ela, com um público expressivo, significando que a proposta foi aceita.

Nossa instituição é uma das poucas universidades brasileiras que conta com uma sala de cinema. Com capacidade para cerca de 230 lugares, ela está equipada para oferecer exibições na bitola 35mm, DVD e VHS, formato profissional. Outra novidade recente é que agora a Sala Redenção tem um administrador do quadro da Universidade, quando antes dispunha apenas de um projetorista terceirizado. Algo de interessante que também ocorreu nos últimos meses foi a bolsista voluntária Júlia Bertolucci assinando a curadoria de dezembro, com a mostra *A retomada do cinema brasileiro: novas linguagens em ação*.

“Neste ano, queremos dar mais ênfase ao debate”, afirma Tânia Cardoso de Cardoso, acrescentando que as ações com os parceiros – unidades acadêmicas e núcleos de pesquisa – serão continuadas. Inaugurando a tela em 2010, o programa *Cinema criação e arte* (grade ao lado): “O que nos move é pensar a criação de uma forma bastante ampla. Com este ciclo, queremos chamar a atenção para o fato de que as fronteiras entre os diferentes gêneros cinematográficos são mais delicadas do que podem parecer”. Para acompanhar a programação da Sala Redenção, basta acessar o site [www.difusaocultural.ufrgs.br](http://www.difusaocultural.ufrgs.br).

## CINEMA

## Cinema criação e arte

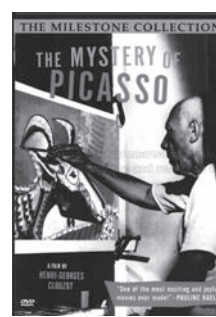
Ciclo de cinema organizado pela Sala Redenção sobre o universo das artes. Os títulos são cinebiografias, documentários e filmes de ficção que têm como tema as artes plásticas, a dança, a música, a pintura, a literatura e a fotografia.

## FRIDA



(EUA, 2001, 123 min.), de Julie Taylor  
Um acidente de ônibus mudou a vida de Frida Kahlo. Ela viveu entre uma cirurgia e outra para tentar corrigir a coluna. Artisticamente, ficou à sombra do marido, o renomado pintor Diego Rivera, sempre perdendo os casos extraconjugais e se satisfazendo com o seu próprio desejo por mulheres.  
Sessões: 27 de janeiro, 19h; 28 de janeiro, 16h

## O MISTÉRIO DE PICASSO



(França, 1956, 75 min.), de Henry-Georges Clouzot  
O diretor convenceu Picasso a fazer um documentário, registrando o momento de sua misteriosa criatividade. Para o filme, o mestre produziu 20 telas. Usando tinta e papel especial, criou rapidamente fantásticos desenhos.  
Sessão: 28 de janeiro, às 19h

## Festival Sessão da Tarde

Mostra de musicais das décadas de 50 e 60 na Sala Redenção. Curadoria de Tânia Cardoso de Cardoso. Apoio do Centro de Entretenimento E o Vídeo Levou. Sessões com entrada franca.

O PALHAÇO DO BATALHÃO (EUA, 1954, 94 min.), de Hal Walker  
Na comédia, Jerry Lewis é um soldado atrapalhado que tumultua o quartel. Em especial, a vida de um cantor, seu amigo de infância e ex-parceiro na vida artística (Dean Martin), agora sargento.  
Sessões: 3 de fevereiro, 16h; 24 de fevereiro, 16h

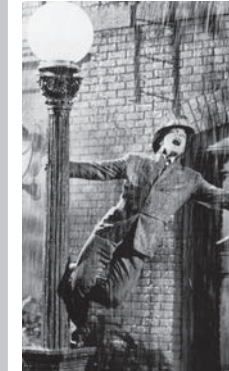
MARUJOS DO AMOR (EUA, 1945, 140 min.), de George Sidney  
Dois marinheiros de licença em Los Angeles durante a guerra tentam ajudar uma garota, cantora lírica, a conseguir um teste com um famoso maestro.  
Sessões: 3 de fevereiro, 19h; 23 de fevereiro, 19h

O DELINQUENTE DELICADO (EUA, 1957, 100 min.), de Don McGuire  
Um zelador cai de paraquedas numa investigação de gangues. Confundido com um membro da turma, sofre uma transformação: de delinquente a policial.  
Sessão: 4 de fevereiro, 16h

SINFONIA EM PARIS (EUA, 1951, 113 min.), de Vicent Minelli  
Gene Kelly vive um ex-militar que ama Paris e mais ainda a atraente (mas comprometida) atendente da loja de perfumes.  
Sessão: 4 de fevereiro, 19h

O MENSAGEIRO TRAPALHÃO (EUA, 1960, 71 min.), de Jerry Lewis  
Mensageiro mudo trabalha em sofisticado hotel em Miami Beach, na Flórida.  
Sessões: 8 de fevereiro, 16h; 22 de fevereiro, 16h

## CANTANDO NA CHUVA



(EUA, 1952, 118 min.), de Gene Kelly e Stanley Donen  
Astros do cinema mudo precisam se adaptar à chegada do som.  
Sessões: 8 de fevereiro, 19h; 25 de fevereiro, 19h

MOCINHO ENCRENQUEIRO (EUA, 1966, 92 min.), de Jerry Lewis  
Contratado como espião por um chefe de Hollywood Morty S. Tashman (Lewis) deve ir ao estúdio para relatar tudo o que desconfiar.  
Sessão: 9 de fevereiro, 16h

## CINDERELA EM PARIS



(EUA, 1957, 103 min.), de Stanley Donen  
Fotógrafo descobre modelo e viaja a Paris para fazer a nova coleção. A garota se mostra mais interessada em livros e na filosofia existencialista.  
Sessões: 9 de fevereiro, 19h; 22 de fevereiro, 19h

O TERROR DAS MULHERES (EUA, 1961, 95 min.), de Jerry Lewis  
Depois de ser dispensado por sua garota, Herbert jura renegar os relacionamentos românticos e decide viver sua vida como um solteirão convicto.  
Sessão: 10 de fevereiro, 16h

O PECADO MORA AO LADO (EUA, 1952, 104 min.), de Billy Wilder  
Marido sozinho em Nova York é tentado pela vizinha enquanto a esposa viaja para fora da cidade.  
Sessão: 10 de fevereiro, 19h

O PROFESSOR ALOPRADO (EUA, 1963, 147 min.), de Jerry Lewis  
Professor feio e desajeitado é ridicularizado e decide criar uma poção que o torne atraente.  
Sessões: 11 de fevereiro, 16h; 23 de fevereiro, 16h

## BONEQUINHA DE LUXO



(EUA, 1961, 114 min.), de Blake Edwards  
Garota de programa decidida a se casar com um milionário se envolve o novo vizinho, um escritor sustentado por riqueza.  
Sessão: 11 de fevereiro, 19h

O OTÁRIO (EUA, 1964, 101 min.), de Jerry Lewis  
Quando um popular animador tem uma morte prematura, seus associados correm desesperadamente para encontrar um substituto.  
Sessões: 18 de fevereiro, 16h; 25 de fevereiro, 16h

QUANTO MAIS QUENTE MELHOR (EUA, 1959, 122 min.), de Billy Wilder  
Dois músicos desempregados testemunham um massacre e precisam fugir dos assassinos. Encurralados, acabam se disfarçando de mulher e entram em uma banda feminina em turnê. Joe se apaixona pela garota problema (Marilyn Monroe), enquanto um milionário se sente atraído pelo disfarce de Jerry.  
Sessões: 18 de fevereiro, 16h; 24 de fevereiro, 19h

## CECLIMAR

O Centro de Estudos Costeiros, Limnológicos e Marinhos (Ceclimar), em Imbé, oferece atividades educativas e culturais para a comunidade local e veranistas.

## Oficinas

## CECLIMAR VAI À PRAIA DE TRAMANDAÍ



Ministrantes: técnicos e bolsistas do Ceclimar  
Público-alvo: público em geral  
Datas: 22/01 e 12/02  
Local e horário: orla marinha em frente ao edifício Quebra-Mar, das 9h às 16h

## ATRÁS DAS ONDAS: CONHECENDO OS ANIMAIS

Ministrante: Cariane C. Trigo  
Público-alvo: geral  
Datas: 26/01 e 09/02  
Local e horário: Ceclimar, das 15h às 17h

A NATUREZA SOB UM NOVO OLHAR  
Ministrante: Roberto Nascimento de Farias  
Público-alvo: até 12 anos  
Datas: 28/01 e 25/02  
Local e horário: Ceclimar, das 15h às 17h

CECLIMAR VAI À PRAIA DE ATLÂNTIDA SUL  
Ministrantes: técnicos e bolsistas do Ceclimar  
Público-alvo: público em geral  
Datas: 29/01 e 26/02  
Local e horário: orla marinha em frente ao Quiosque Barbante, das 9h às 16h

NA TRILHA À LUZ DO LUAR  
Ministrante: Olimpio Rafael Cardoso  
Público-alvo: acima de 14 anos  
Datas: 04/02 e 18/02  
Local e horário: Eco-trilha do Ceclimar, das 20h às 21h

CECLIMAR VAI À PRAIA DE IMBÉ  
Ministrantes: técnicos e bolsistas do Ceclimar  
Público-alvo: público em geral  
Data: 05/02  
Local e horário: orla marinha em frente à Avenida Santa Rosa, das 9h às 16h

## TARTARUGAS MARINHAS



Ministrantes: Renata A. Xavier e Karine M. Steigleder  
Público-alvo: até 12 anos  
Data: 11/02  
Local e horário: Ceclimar, das 15h às 17h

CECLIMAR VAI À PRAIA DE ARROIO DO SAL  
Ministrantes: técnicos e bolsistas do Ceclimar  
Público-alvo: público em geral  
Data: 19/02  
Local e horário: orla marinha em frente à Praça Jovino Alves, das 9h às 16h

UM MUNDO DESCONHECIDO E FASCINANTE: MICROFÓSSAIS  
Ministrantes: Matias Ritter e Fernando Erthal  
Público-alvo: crianças

de 7 a 12 anos  
Data: 23/02  
Local e horário: Ceclimar, das 15h às 17h

## Laboratório Itinerante Tecnologia com Ciência

Espaço que visa à divulgação científica entre estudantes e o público em geral, usando como mote produtos da tecnologia de uso comum, como, por exemplo, um eletrodoméstico. Atividade realizada em parceria com o Instituto de Física da UFRGS.  
Visitação: 20/01 a 12/02  
Local e horário: área externa do Ceclimar, de terça a domingo, das 15h às 19h

## Museu

TUBARÃO-LIXA  
Um exemplar desta espécie marinha é a novidade do Museu de Ciências Naturais do Ceclimar.  
Local e horário: Ceclimar, de terça a domingo, das 15h às 19h

## BACIA DO RIO TRAMANDAÍ E SUAS BELEZAS

Exposição fotográfica com imagens produzidas por Daniel A. Fritsch.  
Visitação: 5 de fevereiro a 30 de abril  
Local e horário: Museu de Ciências Naturais do Ceclimar, das 15h às 19h  
Entrada franca

## Visitação ao leão-marinho



O Centro de Reabilitação de Fauna Marinha e Silvestre (Ceram) recebe animais para recuperação e reinserção em seu habitat natural. Além do leão-marinho Gordo (foto), outras espécies podem ser visitadas.  
Local e horário: Ceram, das 15h às 18h

## PLANETÁRIO

Durante o mês de janeiro, o Planetário Professor José Baptista Pereira promove sessões de férias para o público infantil. Confira a seguir as datas e o horário. O ingresso individual é 1 kg de alimento não perecível. Outras informações na página [www.planetario.ufrgs.br](http://www.planetario.ufrgs.br).

O PRÍNCIPE SEM NOME Solitário em seu planeta, o Príncipe Sem Nome comemora a chegada de uma nave vinda da Terra. Com os novos amigos Alex e o cachorrinho Pólux, ele passeia pelo Sistema Solar e descobre a diversidade de seres vivos que habitam a Terra. Sessões: 26 (terça-feira), e 28 (quinta-feira)  
Local e horário: cúpula do Planetário, às 16h



## EXPOSIÇÃO

## Em Casa, no Universo



Mostra que conta a história da Astronomia, destacando seu papel no desenvolvimento da Física e da Matemática. Quando a Unesco e a União Astronômica Internacional promoveram o Ano Internacional da Astronomia (AIA2009), o Museu da UFRGS/PROEXT em parceria com a PRÓPESQ, o Planetário, o Observatório Astronômico, o Instituto de Física e o Observatório Educativo Itinerante inauguraram a exposição *Em Casa, no Universo*. Ao visitá-la, o público tem acesso a aspectos históricos da ciência

dos astros, com ênfase nos 400 anos de Galileu e do telescópio, além de questões de pesquisa contemporânea em Astrofísica.

Visitação: até 21 de maio de 2010  
Local e horário: Museu da UFRGS, de segunda a sexta-feira, das 9h às 18h  
Agendamento de grupos pelos telefones 3308-3159 ou 3308-3390, ou pelo site [www.museu.ufrgs.br](http://www.museu.ufrgs.br)  
Entrada franca

## ONDE?

Museu da UFRGS  
Av. Osvaldo Aranha, 277  
Fone: 3308-3390

Sala Redenção  
Rua Luiz Englert, s/n.º  
Fone: 3308-3933

Planetário  
Av. Ipiranga, 2.000  
Fone: 3308-5384

Ceclimar  
Av. Tramandaí, 976 – Imbé/RS  
Fone: (51) 3627-1309 e 3627-5384

## Meu Lugar na UFRGS



FLÁVIO DUTRA/PROJETO CONTATO

### Território demarcado

A personalidade desta edição do JU pertence ao seu lugar na Universidade desde que nasceu. A gatinha Mimi adotou a Faculdade de Direito como moradia e ali transita livremente desde o início de 2009. “Lembro que ela ficava do lado de fora, mas às vezes entrava e depois saía. Era meio arisca. Foi entrando e ficou”, relembra a estudante do quarto semestre de Direito Maria Angélica Feijó. Os locais preferidos da gata são as salas de aula, as poltronas de couro do Serviço de Assessoria Jurídica Universitária (Saju) e as duas bibliotecas do prédio. A assistente administrativa da Faculdade Maria da Graça Lima Corrêa salienta que o principal benefício de se conviver com o animal é o afastamento dos roedores, além de tornar o ambiente mais familiar. “Com o tempo e com o convívio, todo mundo foi criando afeto por ela. Decidiu-se naturalmente que ela permaneceria”, explica. A professora de Direito Civil Vera Fradera considera que Mimi é um animal que presta um serviço para a Faculdade: “A gente já tem uma dívida para com ela”, diz.

As funções de cuidado e os tratos com o bichinho são divididos entre os alunos e os funcionários, que providenciam a comida e as questões de higiene. A administradora do Centro de Estudos e Pesquisas Econômicas (lepe), Tânia Cruz, chama atenção para a importância da castração em animais que convivem nesse tipo de ambiente, o que, de acordo com ela, evita brigas e doenças. “Para o bem-estar deles, essa medida é fundamental. Então vim, busquei e fiz a castração”, conta.

A gata se tornou praticamente mais uma aluna dentro das salas de aula, de maneira que as horas de estudo são naturalmente compartilhadas entre o animal, os alunos e os professores. “Ela vai um pouco na minha aula e a nossa relação é excelente. Ela senta, anda. A gurizada se acostumou com ela”, descreve Vera Fradera. Ela considera o gato um bom companheiro para um intelectual, por ser calmo, inteligente e limpo. “É ele que nos escolhe, não somos nós quem o escolhemos, e essa interação só faz bem”, argumenta. Por vezes, a presença da gatinha acaba desviando a atenção dos

alunos, mas de modo geral todos mantêm uma boa relação com ela. “Não vejo ninguém maltratá-la”, confirma Maria Angélica.

Dentro da Faculdade, a rotina de Mimi é circular de poltrona em poltrona, especialmente dentro do Saju. Em horário de muito movimento, entretanto, os alunos procuram levá-la para outro lugar. Os dias mais monótonos da gata, na opinião do vigilante Ângelo Fábio da Rosa, são os domingos, quando ela fica só com o funcionário. “A gente sai para fazer ronda e ela me acompanha, mas, como todo gato, na maior parte do tempo ela está dormindo ou comendo”, diz.

Mimi adotou de tal forma o lugar, que não permite a presença de outros gatos dentro do prédio. Maria Angélica explica que, ao alimentar os animais fora da Faculdade, é seguida pela gata, que marca sua presença e não deixa os demais felinos entrarem. “O território dela já está demarcado”, afirma.

Apesar do envolvimento com a gatinha, Tânia Cruz lembra que o destino mais indicado para Mimi seria a adoção por uma família. Na sua opinião, dentro de um local como a Faculdade, novos vínculos são constantemente renovados, o que pode comprometer a relação com o animal: “As pessoas vão embora porque se aposentam, se formam. A casa de uma família seria um lugar mais tranquilo, eterno”, diz.

Ao que tudo indica, no entanto, Mimi ainda vai permanecer um bom tempo cercada por futuros juristas. Ela não precisou prestar concurso ou fazer entrevista para ocupar este espaço na Universidade, simplesmente o adotou. “Acho que o lugar da Mimi na UFRGS é o Direito porque ela o escolheu. Ela tem a liberdade para sair, mas não sai daqui”, finaliza Ângelo Fábio.

**Maria Elisa Lisbôa, estudante do 7.º semestre de Jornalismo da Fabico**

Esta coluna é resultado de uma parceria entre o JU e a UFRGS TV. Os programas de televisão com as entrevistas aqui publicadas serão exibidos ao longo da programação do Canal 15 da NET às segundas, terças, quintas e sextas-feiras, a partir das 21h30min.

### Você tem o seu lugar na UFRGS?

Então escreva para [jornal@ufrgs.br](mailto:jornal@ufrgs.br) e conte sua história – ou a de alguém que você conheça – com esse local

# Perfil Multiplicidade de papéis

**Interpretação  
Luiz Paulo  
Vasconcellos  
narra momentos  
dos 50 anos de  
carreira**

Caroline da Silva

Araci Esteves entra pela porta, Zorávia Bettiol telefona. Na casa em que moram Luiz Paulo Vasconcellos e Sandra Dani, as salas são repletas de arte brasileira de todos os cantos, além de flores e folhagens, e, claro, de muitos livros. No ateliê, estão os instrumentos e materiais para as joias que ele se aventurou a confeccionar – e que agora estão parados.

Quando o professor de Arte Dramática e diretor do Instituto de Artes de 1977 a 1981 resolveu aposentar-se, foi estudar joalheria, cantar ópera e aprender bonsai. Dos três passatempos, a ópera foi o mais acertado. “Acho que todo mundo tem um desvio na vida, e um dos meus é esse.” Depois da aposentadoria, atuou na Coordenação de Artes Cênicas da Prefeitura de Porto Alegre de 1997 a 2000 e de 2004 a 2008.

Dezembro de 2009 marcou exatamente os 50 anos da estreia do carioca Luiz Paulo nos palcos, em montagem amadora de *Piquenique no Front*, de Fernando Arrabal, com direção de Luiz Fernando de Sá Leal. Dez anos mais tarde, viria a Porto Alegre dirigir *A Ópera dos Três Vinténs*, de Brecht, na UFRGS. Esse foi o marco de uma relação com o teatro gaúcho que se estende até hoje.

**Rio vs. POA** – O ator e diretor viveu em Laranjeiras, no Rio de Janeiro. “Foi uma experiência fantástica nascer numa metrópole, a capital da República. Mas não lamento de maneira alguma ter trocado a metrópole pela província. Quando cheguei aqui, me surpreendi, porque descobri uma cidade civilizada que independia de Rio e São Paulo.”

O ex-professor do DAD relata que Porto Alegre tinha a maior editora do

país [Globo], uma orquestra sinfônica, um movimento de Artes Plásticas e uma Rádio da Universidade (“que é a única neste país dedicada à música erudita”). Isso o surpreendeu muito. “Fora que encontrei um grupo de pessoas, a começar por Gerd Bornheim – uma das pessoas mais inteligentes e brilhantes que já encontrei na minha vida.” Luiz Paulo diz que, dentre seus alunos do Departamento de Arte Dramática, muitos já haviam cursado Letras, e o nível cultural era muito bom. “Gosto muito dessa terra, uma província próxima a duas capitais nacionais, o que lhe deu um caráter único.”

**Vocação para a docência** – Durante o bacharelado no Rio, ele abriu com colegas um cursinho pré-vestibular no centro acadêmico. “O que mais gosto na minha profissão, honestamente falando, é dar aula.” Oficialmente, Luiz Paulo foi docente do DAD de 1970 a 1995.

Hoje, festeja ainda estar na posição de professor no Teatro Escola de Porto Alegre (Tepa), função que desempenha há cerca de uma década. “É bom demais nessa altura da vida, tenho quase 70

**“Os professores de Teatro estão fechados na academia, protegidos pelos títulos”**

anos, passar hora e meia na frente de uma turma de 18, 20 anos e mantê-los atentos.”

Sobre as aulas na Universidade, faz uma comparação: “Tinha algo que não se tem agora e que critico aberta e lealmente. Naquela época, todos os professores do DAD davam a cara a tapa, faziam teatro. Hoje, eles não fazem mais. Estão fechados na academia, protegidos pelos títulos.”

A orientação é fundamental, na opinião do docente. E enumera os grandes mestres que teve, como Sérgio Viotti e Barbara Heliadora: “Aprendi muito [com eles]. E resgata a aula inaugural

que assistiu no Conservatório Nacional de Teatro com Fernanda Montenegro em 1967. “Ela colocou a profissão de uma maneira objetiva: dá para viver de teatro? Dá. Mal, quase sempre muito mal.”

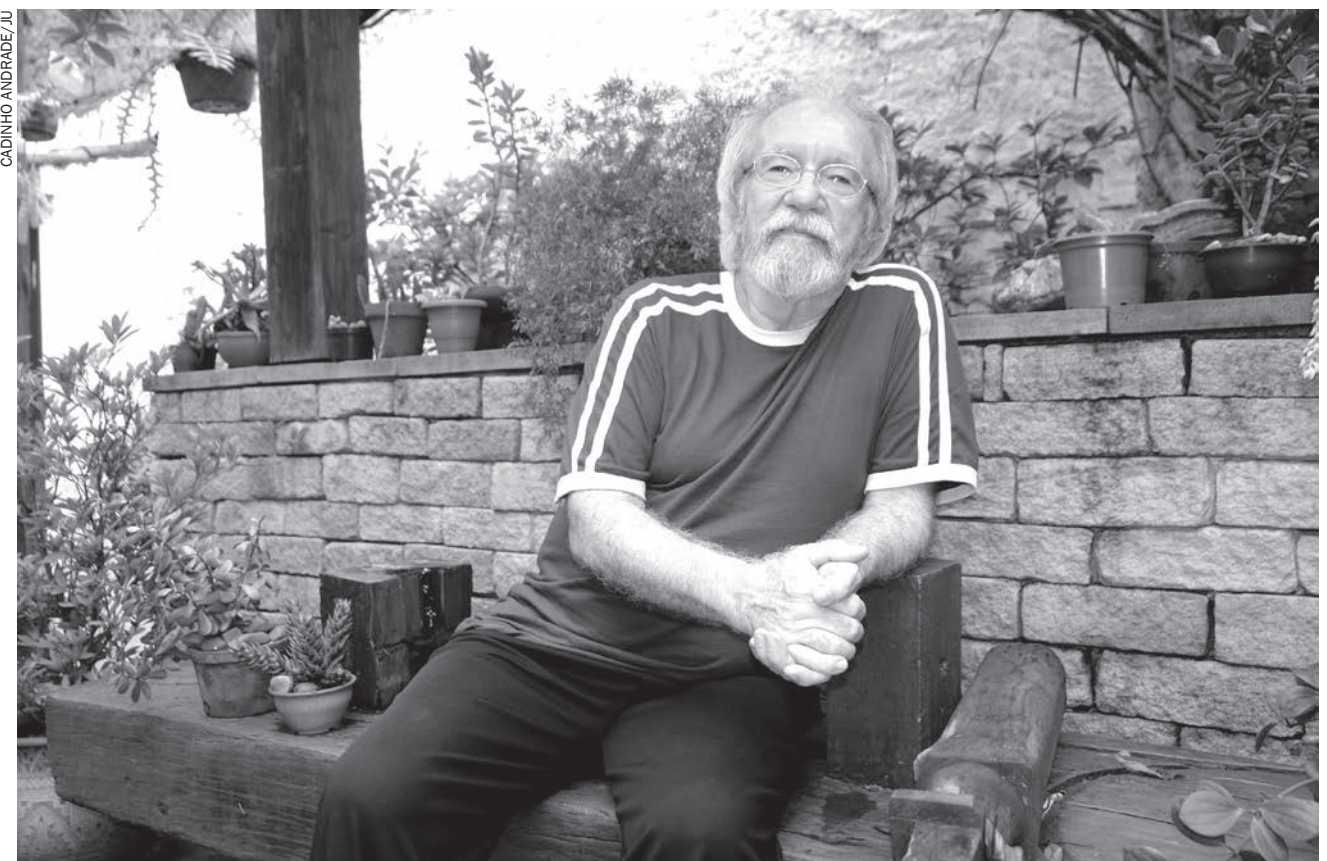
**Família** – Seu pai, nascido em 1900 no interior de Minas, era funcionário público e lia compulsivamente todas as noites, ouvindo baixinho a Rádio Ministério da Educação. “Era muito inteligente, tinha uma leitura que não tenho. A imagem daquele homem – ele era mais alto do que eu – lendo meio curvado em cima da mesa de jantar me acompanha a vida inteira.”

Irmão do meio, a mais velha é tradutora de inglês e francês, e o mais novo é diplomata, hoje cônsul-geral em Munique. Luiz Paulo é casado com a atriz Sandra Dani, que conheceu no DAD como sua aluna. “Não existiu nunca conflito ético.” Eles têm um casal de gêmeos de 24 anos.

**Cadeia de teatro** – Ator, diretor, professor, ator. A vida de Luiz Paulo foi repleta de idas e vindas. Mas também desempenhou outras funções: “Muitas vezes, por questão de economia, ou por não ter um responsável disponível na ocasião, solucionei cenários e figurinos. Essa multiplicidade na profissão sempre me acompanhou.”

O carioca considera a capital gaúcha o terceiro polo de teatro no Brasil: “Seja pela quantidade e qualidade da produção, pelo número de salas de espetáculo em uma cidade de pouco mais de um milhão de habitantes, seja pelo Porto Alegre em Cena, que é o maior festival da América Latina”. O professor afirma que muitos dos nossos espetáculos viajam pelo Brasil, para Montevideu e Buenos Aires, e são respeitados fora daqui.

Sobre uma cadeia de teatro autossustentável, ele responde: “Já ouviu falar em poeta profissional? E alguém deixou de escrever poema algum dia? Acho que é mais vocação que uma profissão”. O dramaturgo avalia que existe um movimento consistente de teatro comercial no RS (“que não tenho o menor interesse em ver”) e um teatro artístico, de pesquisa, de qualidade intelectual e sensorial: “Porto Alegre agora convive com os dois extremos”.



CADINHO ANDRADE/JU

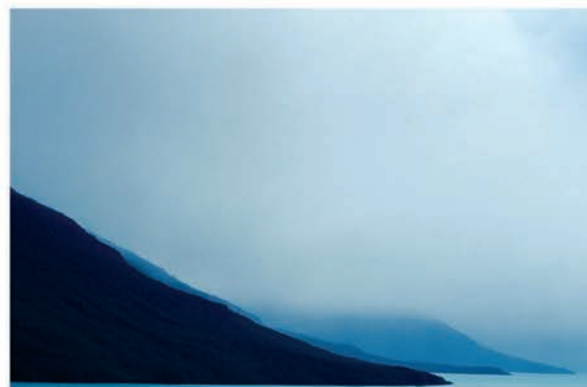
ENSAIO

“Uma história natural das cores deveria referir-se à sua ocorrência na natureza, não à sua essência.”

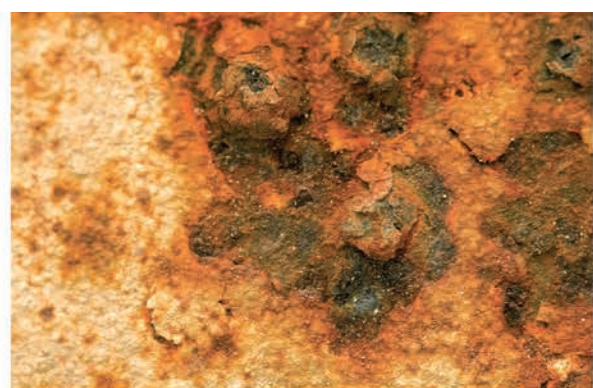
Ludwig Wittgenstein



COR DE GELO



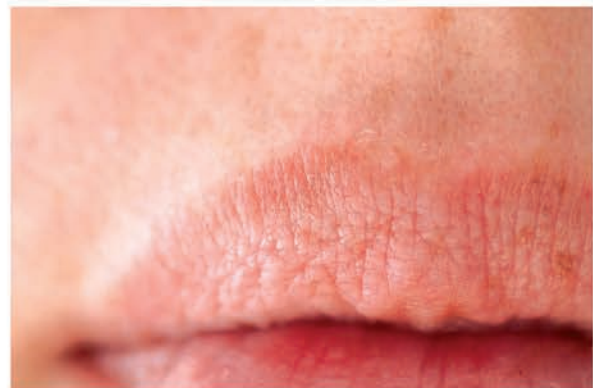
AZUL MONTANHA



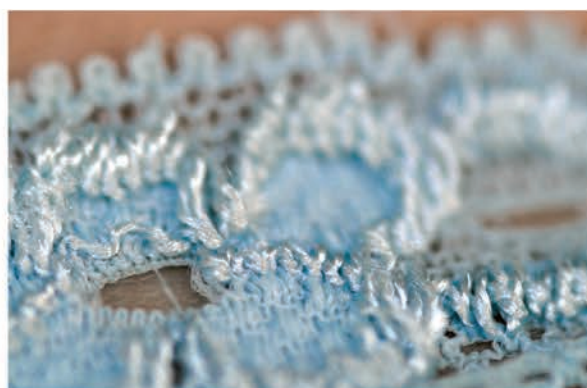
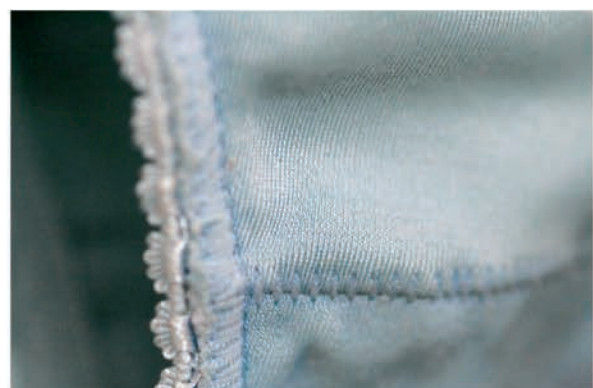
COR DE FERRUGEM



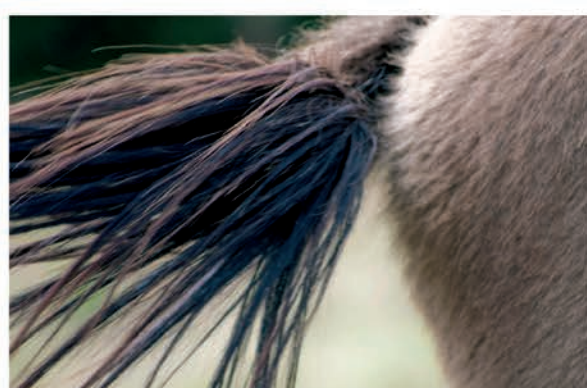
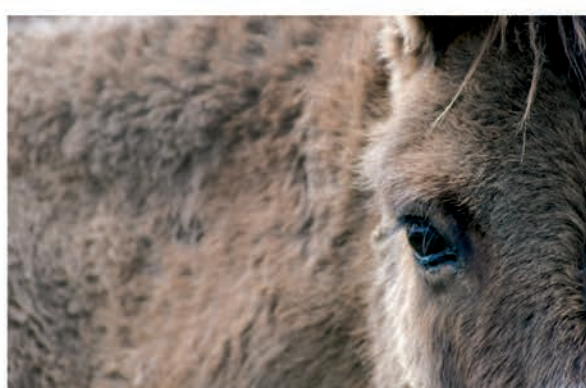
COR DE OVO



COR DE BOCA



AZUL CALCINHA



COR DE BURRO QUANDO FOGUE

A cor palavra. A palavra fotografada. A cor tentando se explicar. Literalmente. Intangíveis, cores não passam de convenções, de conceitos abstratos. Não temos como avaliar se a noção de cor de cada um é exatamente igual. E, na tentativa de criar padrões, nomes são dados a elas, nomes de “coisas”. Mas as pessoas realmente se dão conta de que o azul montanha tem este nome por que (todas) as montanhas, vistas ao longe, têm essa cor? E quanto ao azul calcinha?

Ao fotografar as coisas que dão nome às cores, instiga-se à reflexão de ambos os signos, o visual e o verbal, além de se proporem relações entre real e imaginário, natureza e convenção e, de forma lúdica, se vislumbrarem os processos de significação das cores na criação de um imaginário coletivo. A fotografia permite esse jogo por trazer o referente original à visão – referente este que, no uso corriqueiro das palavras, vira um dado quase abstrato.

Inspirado no formato dos catálogos de normatiza-

ção de cores, como o Pantone, este projeto deu origem a um livro/catálogo que, em lugar de atestar uma suposta veracidade de determinada cor, busca mostrar exatamente o oposto, uma vez que, em matéria de cores e palavras, a imprecisão é a regra. O livro, e também uma exposição que foi vista na Galeria La Photo, em Porto Alegre, no mês de janeiro, foram financiados pelo FUMPROARTE, da Prefeitura de Porto Alegre. Mais imagens podem ser vistas em [www.leticialampert.com.br/color](http://www.leticialampert.com.br/color)

# A COR das coisas